

# **Indústria Têxtil de Guimarães: do sistema antigo ao advento das máquinas (contributos para uma exposição temática)**

Paula Ramos Nogueira

Centro de Física da Universidade de Coimbra (CFisUC)



## Introdução

Em 2016 foi iniciada uma consulta à coleção documental da Fábrica do Castanheiro, entregue ao Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, que se revelaria determinante para a trajetória do projeto de doutoramento que estava a iniciar naquele ano.<sup>1</sup> A investigação, em torno do contributo da ciência e da tecnologia para o desenvolvimento da indústria têxtil, saiu francamente beneficiada pela riqueza das fontes disponibilizadas.

Tendo como estudo de caso a indústria têxtil em Guimarães, o arquivo da Fábrica do Castanheiro contribuiu para esclarecer alguns aspetos relativos aos pioneiros da indústria têxtil mecanizada e compreender o processo de adequação tecnológica empreendido na época. Neste artigo tecem-se algumas considerações relativas a esse estudo, mas necessariamente aprofundadas na tese.

A coleção *Castanheiro* é uma excelente fonte de informação, que não se esgota com um estudo ou um projeto de doutoramento. Estamos perante um arquivo riquíssimo, muito bem preservado, que permite abordagens de investigação de diferentes áreas do saber e o aprofundamento de outros temas.

O desafio para a realização da exposição *Indústria Têxtil de Guimarães: do sistema antigo ao advento das máquinas* partiu do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta que decidiu apresentar publicamente alguns dos documentos já analisados. A mostra foi complementada por objetos e imagens, convocados a um só espaço como auxiliares de (re)construção da memória industrial, tão importante para a identidade de Guimarães.

A mecanização das indústrias, que se intensificou em finais do século XIX, manifestou-se, sobretudo, nos setores dos têxteis, curtumes e cutelarias. Foi uma etapa fundamental para a dinâmica económica local, pois reforçou o perfil industrial de Guimarães já reconhecida como a *grande oficina do Minho*.

Partindo do estudo realizado à coleção da Fábrica do Castanheiro centrou-se a atenção sobre a indústria têxtil de finais do século XIX. Assim, destacam-se três fábricas nascidas antes do final desse período - a Fábrica do Castanheiro (1885), a Fábrica do Moinho do Buraco (1890) e a Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães (1890) – e cujas razões de escolha são justificadas na quarta secção deste artigo.

A metodologia adotada envolveu a recolha documental, a localização de objetos, colecionadores e entidades parceiras, um levantamento bibliográfico para enquadramento dos principais momentos e a identificação das personalidades mais relevantes para a contextualização. Conjugaram-se esforços com o intuito de proporcionar, numa exposição necessariamente limitada pelo espaço e pelo tempo, uma narrativa acessível sobre a *industrialização* que se verificou em Guimarães.

A exposição *Indústria Têxtil de Guimarães: do sistema antigo ao advento das máquinas* convocou momentos ímpares da história local, como a Exposição Industrial de 1884 e a entrada em funcionamento da Escola Industrial Francisco de Holanda; personalidades determinantes como Alberto Sampaio e Francisco Martins Sarmiento; industriais cujo arrojo endereçou a mudança de paradigma económico local, como António da Costa Guimarães, Francisco Inácio da Cunha Guimarães e James Lickfold (figuras destacadas e ligadas às três fábricas apresentadas).

A exposição e o artigo que nela se inspiram foram tecidos sobre a urdidura complexa da história local. É um pequeno retalho numa peça mais elaborada, um retalho ao qual acrescentamos todos os textos utilizados no circuito expositivo (destacados em cada capítulo) para memória futura.

---

<sup>1</sup> “O Contributo da Ciência e da Tecnologia para o desenvolvimento da Indústria Têxtil e do Vestuário – Uma abordagem historiográfica ao setor da ITV em Guimarães entre 1850 e 2016” é o tema do projeto de investigação realizado no âmbito do Curso de Doutoramento em História das Ciências e Educação Científica, Universidade de Coimbra (UC) e Universidade de Aveiro (UA), com orientação do Professor Doutor Décio Ruivo Martins (UC) e coorientação do Professor Doutor Carlos Fiolhais (UC) e Professor Doutor Gilberto Santos (Escola Superior de Design do Instituto Politécnico do Cávado e Ave – IPCA).

## I. Guimarães, uma cidade industrial



Vista panorâmica da cidade a partir do Monte do Cavalinho (1905). M.-A.G.D.P.

Parte da identidade de Guimarães tem raiz na tradição têxtil tornando-se uma cidade simultaneamente *histórica* e *industrial*. Entre finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX, o estado das indústrias locais foi alvo de uma profunda transformação. Esse processo repercutiu-se em riqueza patrimonial e histórica que se aborda, em síntese, nesta exposição. Destacam-se os aspetos mais relevantes, tendo em consideração acervo documental de indústrias têxteis entretanto extintas.

\*\*\*

O **atraso tecnológico** das indústrias de Guimarães foi sublinhado no Inquérito Industrial de 1881. As fábricas de diferentes setores foram descritas como artesanais, baseadas em **trabalho manual** feito por operários **analfabetos** e sem qualquer instrução técnica, embora hábeis e conhecedores da *sua arte*.

Destacava-se neste quadro de decadência a *indústria dos tecidos* que se sustentava numa imensa rede de tecelões que, por sua vez, alimentavam os negócios dos comerciantes que enriqueciam com base em sistemas de **indústria no domicílio** explorados em regime de *putting out* (forneciam o fio e recebiam o tecido que depois exportavam para o Brasil ou vendiam no mercado interno). Era um **trabalho maioritariamente feminino**, mal retribuído e em declínio.

Graças ao **estudo** realizado por Joaquim José de Meira e Alberto Sampaio, da Sociedade Martins Sarmiento, e incorporado no relatório da Exposição Industrial de Guimarães de 1884, rebateram-se as omissões do Inquérito Industrial de 1881. Surgiu, assim, uma leitura mais realista sobre o impacto económico e social das indústrias em Guimarães daquela época.

O **predomínio da indústria têxtil** foi evidenciado. Naquele ano, era o setor que absorvia mais mão de obra (3354 operários), seguido pelas cutelarias (433), o calçado (373) e os curtumes (300). Estes quatro setores de atividade empregavam 4450 pessoas enquanto 34 oficinas e *pequenas indústrias* diversas dividiam entre si pouco mais de mil trabalhadores.

Com a **introdução da tecnologia mecânica**, em finais do século XIX, a importância do linho como matéria prima diminuiu a favor do algodão. Em poucas décadas floresceram na paisagem as fábricas com enormes chaminés fumegantes. No seu interior, as **máquinas** ruidosas anunciavam a «**civilização industrial**» e Guimarães preparava-se para mudar o seu paradigma, substituindo o modelo artesanal, em vigor nas fábricas antigas, pela mecanização. Os **tempos modernos** tinham chegado.

\*\*\*

*“[Os industriais] Desunidos, sem a iniciativa e actividade que vencem as maiores dificuldades, a braços com a concorrência de países ricos, onde a produção é principalmente mecânica, e portanto a preços reduzidos, elles, possuindo apenas uma habilidade manual, ensinada pela tradição, têm-se visto obrigados a reduzir os salarios dos operarios, augmentar-lhes as horas do trabalho, e ainda assim contentarem-se com um lucro diminuto. Quando o trabalho chega a 14 e 18 horas por dia, pergunta-se naturalmente se por muito tempo poderá persistir esta situação? As nossas industrias, a que tem faltado a seiva vivificante da instrução, apresentam no seu regime e produção o typo do trabalho de outros tempos. Se exceptuarmos poucas classes, as antigas industrias de Guimarães vão-se definhando e depreciando todos os dias. Se não forem restabelecidas dentro d'um curto prazo com a direcção que lhes falta, com os capitães de que carecem, com o ensino e aprendizagem necessarias, a depreciação marchará a passos rapidos talvez até á ruina total.”*

In MEIRA, Joaquim J.; SAMPAIO, Alberto. Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884.

O século XIX correspondeu a um período de grande desenvolvimento industrial e económico que encontrou na ciência e na tecnologia o seu suporte. A Europa já seguia a bordo da locomotiva do progresso há décadas quando Portugal chegou ao primeiro apeadeiro. O país perdeu muitas oportunidades e quando embarcou para realizar a sua viagem pela industrialização, verificou-se que estava atrasado e seguia no comboio menos competitivo e por um trilho que, do ponto de vista do mercado, não oferecia muitas perspectivas de sucesso.

Perante circunstâncias políticas, económicas e sociais muito críticas, Portugal sujeitou-se à contingência da época. Ingleses, alemães, franceses, belgas e suíços abasteceram as indústrias portuguesas com o equipamento, maquinaria e recursos humanos qualificados, sempre ao ritmo e à medida de um país fragilizado e sem capital disponível.

O estudo efetuado à coleção da Fábrica do Castanheiro evidencia o atraso tecnológico em que viviam as indústrias de Guimarães nas últimas décadas do século XIX. É possível documentar, com pormenor, o regime de dualidade que vemos replicado nos (escassos) arquivos das outras fábricas. Os investimentos realizados, correspondendo a inovação tecnológica e novas soluções energéticas, surgem numa pequena escala, embora se tratasse de aperfeiçoamentos capazes de gerar alguma mudança.

Conscientes do seu atraso, os industriais, os capitalistas e as elites vimaranenses da época questionavam-se sobre o futuro da cidade e da sua economia, pois a publicação do Relatório Industrial de 1881 evidenciara um quadro de inadequação tecnológica generalizada ao tecido económico local o que conduziu a uma frustração geral.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria (1881). Inquérito Industrial de 1881. Inquérito Directo. Segunda Parte. Visitas às Fábricas. Livro Terceiro. Lisboa: Imprensa Nacional.

Na indústria dos tecidos os teares eram manuais, manobrados por tecelãs e tecelões familiarizados com a prática rudimentar, muito limitados na técnica, no saber e na instrução. A realidade das indústrias e da economia local era o espelho de uma sociedade dividida entre uma elite culta, urbana, poderosa e rica, e uma população analfabeta, rural, enfraquecida e muito pobre. De um lado, os proprietários, do outro lado, a mão de obra disponível e submissa.

Tal como sucedia em toda a região do vale do Ave, três elementos conjugavam-se para confirmar Guimarães como território ideal para a consolidação da indústria têxtil: abundância de recursos hídricos, mão de obra à disposição e subsistência como necessidade.

No artigo “Higiene Local”, publicado no primeiro número da Revista de Guimarães, o médico Joaquim José de Meira denunciou a falta de condições de saúde pública e apontou à miséria que afetava a população local. As crianças (mais pobres) eram entregues ao trabalho precoce e roubadas à escola, onde aquelas que a frequentavam pouco aprendiam, vítimas das más condições de acolhimento ou simplesmente de um modelo de ensino que *“idiotisa quase sempre pelo terror e mata pela inação”*.<sup>3</sup> Os homens sujeitavam-se a *“trabalhos pesadíssimos, sem descanso, durante todo o dia e até durante parte da noite”* e às famílias faltavam *“boas condições d’agasalho, d’habitação regular, d’alimentação bastante”*.<sup>4</sup>

As causas determinadas para os 378 óbitos registados em 1883 encontravam, segundo Joaquim José de Meira, justificação nas *“más condições”* em que vivia a maioria dos habitantes da próspera Guimarães. No topo da estatística obituária encontravam-se as doenças do foro respiratório (pneumonias, tuberculose) e sistema digestivo que afetavam, sobretudo, as crianças até aos 10 anos de idade e os adultos com mais de 45 anos.

Divididos entre o trabalho no campo e na fábrica, os operários começavam muito cedo, alguns em tenra idade, como serventes e aprendizes dos ofícios. Os rapazes ocupavam-se das tarefas mais pesadas e fisicamente exigentes, as raparigas eram encaminhadas para os teares e operações mais rotineiras. A feminização da indústria têxtil acompanhou o crescimento e a multiplicação das fábricas. Elas eram a maioria nas cidades, nos campos, nas fábricas e na taxa de analfabetismo, mas auferiam salários inferiores aqueles que eram atribuídos aos homens.

Os censos de 1878 e 1890 ajudam a compreender o contexto demográfico correspondente ao período em que se opera a mudança de paradigma industrial em Guimarães. O distrito de Braga apresentava a segunda maior densidade populacional do país (124 hab./Km<sup>2</sup>), sucedendo ao Porto (238 hab./Km<sup>2</sup>).<sup>5</sup> Predominantemente rural (em 1878, 91,3% da população residia nas vilas e freguesias periféricas e 84,9% em 1890), a população urbana (15,1% dos habitantes) concentravam-se nas duas cidades do distrito: Braga (19.755 habitantes) e Guimarães (7.980 habitantes).<sup>6</sup>

A população feminina era maioritária em Braga (56%), em Guimarães (57%) e sem instrução. De acordo com o recenseamento de 1878, em cada mil mulheres residentes no distrito, 921 não sabiam ler, nem escrever. Na cidade de Guimarães, o número total de homens analfabetos era de 1722 e de mulheres era 2850 mulheres.

Estes dados, conjugados com os resultados apurados por Joaquim José de Meira (1858-1931) e Alberto Sampaio, (1841-1908), apresentados no relatório da Exposição Industrial de Guimarães, contribuem para definir a realidade laboral da época.

Em 1884, dos 5484 operários ao serviço das indústrias de Guimarães, 2949 eram homens (563 dos quais menores) e 2535 mulheres (das quais 143 eram menores). Contudo, comparando-se dados referentes à mão de obra

3 MEIRA, Joaquim José de. Higiene local. Revista de Guimarães, 1 (3) Jul.-Set. 1884, p. 132.

4 Idem.

5 Censo da população, Volume I, 1890.

6 Estatística de Portugal. População no 1.º de janeiro de 1878.

masculina e feminina empregue no setor dos tecidos (fiação, tecelagem, linha, cotins e roupa branca) confirmasse a feminização do trabalho com 2412 mulheres (1559 das quais na fiação), para 1415 homens.<sup>7</sup>

A força de trabalho era assegurada por uma população depauperada, mas a elite influente local capitalizava poder e a notoriedade histórica do *berço da monarquia* era uma mais valia. A conjugação de poder e influência permitia que a Guimarães fosse concedida uma atenção de que outras localidades não beneficiavam. O poder e o prestígio de figuras como o Conde de Margaride (1836-1919) e Francisco Martins Sarmiento (1833-1899), entre muitos outros, garantiram a Guimarães os recursos de afirmação e representação necessários à luta pela instalação da escola industrial que ocorreria em dezembro de 1884.

Guimarães era uma centralidade mesmo num contexto de estagnação e só isso explica que fosse designada como *cidade industrial* ou *grande oficina do Minho* mesmo sem dispor de teares mecânicos (que já funcionavam em Fafe, na Companhia de Fiação e Tecidos do Ferro e na Fábrica do Bugio). Foi, aliás, em Fafe que os primeiros sócios da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães (1890) foram recrutar o engenheiro diretor (Fábrica do Bugio), o inglês James Lickfold, para coordenar os trabalhos de construção e gestão da nova fábrica que se estava a construir na margem do rio Ave, em Campelos.

Sobre o atraso tecnológico das indústrias de Guimarães o relatório de 1881 descreve-o nestes termos:

*“A industria de Guimarães é em grande parte caseira ou a domicilio, d’ahi a deficiencia de material, de machinas, o atrazamento de processos, e a falta de aptidões technicas e es-peciaes no pessoal empregado: e todavia taes industrias têm progredido, mas não pode-rão entrar jamais em livre competencia com productos industriaes emanados dos grandes centros productores d’essas nações, onde um poderoso organismo industrial, dirigido por homens de altas habilitações, favorecido pela grande divisão de trabalho e pela vantagem de uma enorme producção alcança por preços minimos, dominar todos os mercados.”*

*In Relatório Industrial de 1881, p.254.*

O relatório oficial foi mal recebido em Guimarães pelo desencontro com a realidade local que descrevia. Aquele documento apontava cinco indústrias baseadas em trabalho manual e um total de 1298 operários. Os curtumes surgiam como setor dominante e não havia registo de qualquer indústria ou oficina que utilizasse a roda mecânica. Identificava-se uma única máquina a vapor, a funcionar numa oficina de fundição.

Com o levantamento exaustivo e sólido efetuado por Meira e Sampaio (1884) ao tecido económico local, Guimarães passou a dispor de um documento mais realista, sem omitir fraquezas, e no qual se evidenciavam as forças de um território de características efetivamente industriais e com (muito) potencial de crescimento. O relatório (Meira e Sampaio, 1884) indicava três oficinas com roda mecânica e das 38 indústrias existentes uma dispunha de máquina a vapor<sup>8</sup>, a mesma indicada pelo inquérito de 1881, contabilizando-se o número de operários em 5484.

Ainda assim, o atraso tecnológico persistiu. No inquérito industrial de 1890<sup>9</sup> foram indicadas *três fábricas mecânicas* no Minho: uma em Guimarães (Fábrica do Castanheiro) e duas em Fafe (Bugio e Ferro). Estas unidades fabris recorriam a energia produzida por turbinas hidráulicas e água comprimida e a Fábrica do Castanheiro já dispunha de um motor a vapor de 10 cavalos.

7 MEIRA, Joaquim J.; SAMPAIO, Alberto. Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884.

8 Estava instalada na Fábrica de Fundição Almeida & Freitas e dispunha de 4 cv.

9 GERALDES, Nunes (1912). Inquérito à indústria do linho do distrito de Braga. pp.66-67.

A indústria algodoeira ganhava terreno como apontam as primeiras apreciações efetuadas já em regime republicano. Avaliando pelas matérias primas, os custos com a compra de linho (nacional e estrangeiro, vindo, sobretudo, da Irlanda) eram inferiores (34.854 escudos anuais) aos custos com o algodão (288.967 escudos anuais), correspondendo a resultados que apontavam a mesma trajetória, 72 mil escudos anuais linho e 469.690 mil escudos anuais em algodão manufaturado.

Relativamente aos recursos energéticos o itinerário evolutivo no distrito de Braga variava entre o sistema a vapor e hidráulicos (1881), vapor, água comprimida e hidráulicos (1890) e vapor, gás pobre e hidráulicos (1912). Quanto aos motores instalados nas fábricas havia máquinas a vapor e turbinas hidráulicas (1881), máquinas a vapor, água comprimida, turbinas hidráulicas e rodas hidráulicas (1890) e máquinas a vapor, máquinas a gás pobre, turbinas hidráulicas e rodas hidráulicas (1912).

O Inquérito Industrial de 1881 não reportou a existência de máquinas de produção, mas em 1890 foram referidos 29 teares mecânicos (8 tipo liso, 11 maquetinas e 10 *Jacquard*). O número aumentou no inquérito de 1912 para um total de 315 teares mecânicos (152 tipo liso, 89 maquetinas e 74 *Jacquard*). (Tabela 1)

**Tabela 1 - Evolução das indústrias do distrito de Braga entre 1881 e 1912**

| Ano  | Tipologia de fabrico                    | Fábricas mecânicas | Energia (HP) | N.º Motores | N.º Máquinas |
|------|---|--------------------|--------------|-------------|--------------|
| 1881 | Linho manual, algodão manual e mecânico | 2                  | 198 HP       | 7           | n.d.         |
| 1890 | Linho e algodão manual e mecânico       | 3                  | 940 HP       | 30          | 29           |
| 1912 | Linho e algodão manual e mecânico       | 15                 | 3.500 HP     | 29          | 315          |

Fonte: GERALDES, Nunes (1912). Inquérito à indústria do linho do distrito de Braga, p. 71.

(Baseado nos dados dos inquéritos industriais de 1881 e 1890).

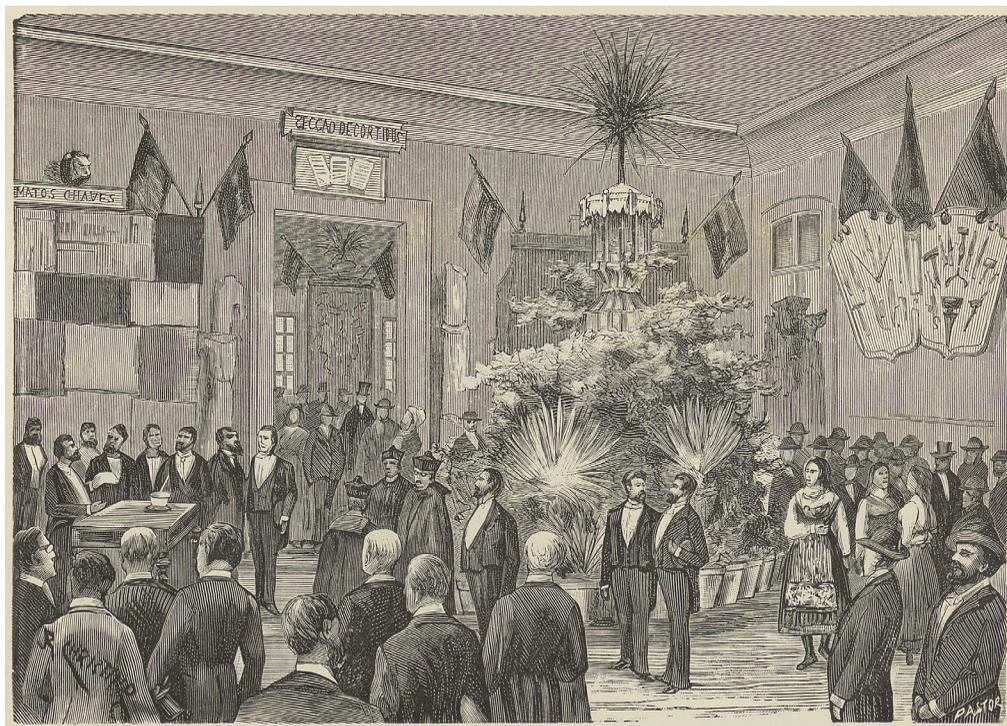
Os sucessivos inquéritos industriais apontaram para uma mecanização muito lenta (30 anos para evoluir de duas para 15 fábricas mecânicas), refletindo outras contingências características da época (falta de capital, instabilidade política, convulsão social, analfabetismo estrutural). As condições da indústria observadas por Geraldes Nunes em 1912, embora diferentes, não apresentavam uma evolução tão significativa quanto aspirava, por exemplo, Alberto Sampaio que em janeiro de 1884 escreveu sobre a apatia que se instalara nas indústrias de Guimarães.

A publicação, no primeiro número da Revista de Guimarães, do artigo *Resposta a uma pergunta: Convirá promover uma exposição industrial em Guimarães?* foi um contributo determinante para agitar o comodismo letárgico em que operavam as indústrias locais e desassossegar as consciências. Alberto Sampaio advertiu os industriais da sua terra: ou se uniam disponibilizando-se para colaborar ativamente numa mudança de paradigma, ou a economia da cidade estava condenada a morrer:

*(...) Uma exposição em Guimarães não só é conveniente, mas impõe-se como uma necessidade, se a considerarmos como o primeiro passo para o rejuvenescimento e aperfeiçoamento tanto das suas antigas industrias como das que têm sido introduzidas nestes últimos quarenta anos. Esta necessidade acentua-se tanto mais se se atender á sua variedade, á localização dispersa por toda a área do concelho e á apathia de que estão sofrendo muitas d'ellas. Reunidas, postas em face umas e outras, vêr-se-há mais claramente, d'uma maneira palpável e irrefutável, a grande*

*importância que o trabalho fabril ocupa no régimen económico do concelho, e como o seu desaparecimento se traduziria por uma verdadeira desgraça para a população que o habita. “*

*In SAMPAIO, Alberto. Resposta a uma pergunta: Convirá promover uma exposição industrial em Guimarães? *Revista de Guimarães*. 1(1), 1884, p.25-34.*



Gravura de R. Christino, in Ilustração Universal (1884). S.M.S.

## II. A Exposição Industrial de Guimarães de 1884

Por iniciativa da **Sociedade Martins Sarmento** realizou-se em Guimarães, a primeira **Exposição Industrial** concelhia portuguesa. Ao certame só foram admitidos artigos produzidos em Guimarães. A exposição procurava apresentar a **capacidade industrial** local, incitar os industriais para a **modernização tecnológica** e reclamar a criação de uma **escola industrial**.

Na véspera da inauguração contavam-se **170 expositores** distribuídos por seis grupos e três pisos do palacete de **Vila Flor**, cedido gratuitamente por Soares Veloso, então gerente da Companhia do Caminho de Ferro de Guimarães. O **comboio** chegara à cidade em abril e as portas da exposição abriram no dia **15 de junho de 1884** perante uma multidão e em ambiente festivo.

Os **tecidos**, as **cutelarias** e os **curtumes** evidenciaram-se no certame e alguns dos participantes foram premiados e distinguidos pela **qualidade dos produtos expostos**. Para alguns, o **reconhecimento** local chegava tarde. De Londres a Paris, de Viena a Filadélfia, muitos daqueles produtos, antes integrados nas comitivas portuguesas, já acumulavam menções honrosas, medalhas de prata e até de ouro. Há mais de 30 anos que os industriais de Guimarães marcavam posição nas **exposições universais e mundiais**.

Guimarães viveu a sua **Exposição Industrial** como um **acontecimento histórico**, num ano em que se precipitaram acontecimentos que transformariam a cidade para sempre. A imprensa local, superando divergências, publicou uma folha única, **A Industria Vimaranense**, comemorativa da Exposição.

Localmente, a exposição teve o **efeito** impulsionador pretendido, desencadeando a **mecanização** da indústria têxtil e marcando o início de um ciclo próspero com a criação de novas fábricas. A nível nacional, teve forte impacto e influenciou decisões políticas que conduziram à instalação da tão ambicionada **escola industrial**.

\*\*\*

### Uma exposição para agitar o comodismo do velho sistema

Foi Domingos Leite Castro (1846-1916) quem, numa reunião de fundadores da Sociedade Martins Sarmiento, em 1881, lançou a ideia de se promover uma exposição concelhia. Não foi assunto imediatamente abraçado com entusiasmo, mas seria retomado um ano depois, discutindo-se a possibilidade de fazer coincidir a abertura da exposição com a chegada do comboio a Guimarães, o que aconteceu em 14 de abril de 1884.

A eloquência do artigo de Alberto Sampaio (*Resposta a uma pergunta...*), foi pouco tempo depois reforçada com novo passo na primeira página de *A Indústria Vimaranesense*, já as portas da Exposição Industrial se abriam ao público. Era preciso, nas palavras do autor, “*agitar a população fabril e convencer-a a lançar-se n’uma tal empresa...*”.<sup>10</sup> A urgência da mobilização resumia-se assim:

*“A situação tornára-se extremamente delicada. A concorrência estrangeira, minando-a e cerceando-a todos os dias, está pondo em risco a subsistência de milhares de pessoas e uma parte da riqueza nacional. A falta de instrução técnica, a aprendizagem imperfeita e não regulada, a indiferença dos poderes públicos, a carencia de capitães e instrumentos aperfeiçoados, vão operando dia e noite uma solução desgraçada”.*

In “A Industria Vimaranesense - Folha Única - Publicação da Imprensa Vimaranesense Commemorando a abertura da primeira exposição industrial de Guimarães. Guimarães, 15 de junho de 1884

A promoção de uma exposição industrial não procurava apenas despertar os industriais do atraso em que se encontravam, ela serviria, também, para apoiar a criação da escola industrial, enfatizar a importância das indústrias locais e com isso justificar o direito à indispensável proteção (...)”<sup>11</sup> por parte do poder central.

A organização da Exposição Industrial de Guimarães esteve a cargo de Alberto Sampaio, presidente da comissão executiva, redator do regulamento, principal dinamizador da participação dos industriais e um dos autores do relatório final. A comissão central foi presidida pelo Barão de Pombeiro de Riba Vizela (1837-1913), tendo como primeiro e segundo secretários Adolfo Salazar (1858-1941) e António Augusto da Silva Caldas (1851-1894).

As portas do palacete de Vila Flor abriram-se no dia 15 de junho de 1884 reunindo 170 expositores distribuídos por seis grupos: educação e elementos de estudo, mobiliário e acessórios, tecidos, vestidos e acessórios, máquinas e indústrias extrativas. Entre as 43 classes que se repartiram pelos três pisos do edifício Vila Flor destacou-se a representação das indústrias de referência de Guimarães: cutelarias, tecidos (linho e algodão) e curtumes.

Dezenas de convidados acompanharam a sessão de inauguração e a Exposição teve nos homens da imprensa local e nacional os seus principais mensageiros.

<sup>10</sup> A *Industria Vimaranesense*, Folha Única, Publicação da Imprensa Vimaranesense Commemorando a abertura da primeira exposição industrial de Guimarães. Guimarães, 15 de junho de 1884.

<sup>11</sup> Alocução do Barão de Pombeiro feita no dia da inauguração da Exposição Industrial. In SAMPAIO, A.; [Joaquim], de Meira. Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884. Guimarães: Muralha – Associação de Guimarães para a Defesa do Património. Fac-símile, 1991, p.11.

O ano de 1884, que corria pródigo em acontecimentos transformadores para a cidade, assistiu a uma inédita publicação conjunta – *A Industria Vimaranesense* – uma *Folha Única* de 10 páginas, publicada pela imprensa local para comemorar a abertura da Exposição e que reuniu textos de figuras como Alberto Sampaio, Francisco Martins Sarmento e o Conde de Margaride, mas também contributos de quatro jornais locais - *Religião e Pátria*, *Imparcial*, *Espectador* e *Commercio de Guimarães* - e da redação da *Revista de Guimarães*.

**A INDUSTRIA VIMARANENSE**  
 FOLHA ÚNICA  
 PUBLICAÇÃO DA IMPRENSA VIMARANENSE  
 Commemorando a abertura da primeira exposição industrial  
 DE  
**GUIMARÃES**

---

Guimarães, 15 de junho de 1884.

**A**REGERÁ geralmente demasiada immodestia que um concelho, a quem sobra a indiferença pública, se abalancasse a fazer uma EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL.

Os seus iniciadores não tiveram tudo em vista organizar uma festa de mera ostentação, nem tão pouco nunca pensaram surpreender o publico com uma collecção de productos, cujo acabamento nada deixasse a desejar.

Está visto que cada um havia de fazer o melhor que podesse; mas este melhor estando limitado a um machinismo antigo e por assim dizer primario, a exposição não poderia ostentar evidentemente estas maravilhas da industria moderna que nas grandes exposições estrangeiras provocam a admiração das multidões.

Havia, porém, um motivo para pôr de lado quaesquer considerações e fazer esta tentativa.

Tendo a mechanica moderna, auxiliada por enormes capitães, revolucionado a industria fabril em todos os paizes civilizados do mundo, a nossa tem continuado a viver aqui humildemente com os seus velhos instrumentos de produção, procurando sómente na habilidade manual a perfeição e barateza que aliás lhe devia ser dada economicamente por machinas e ferramentas aperfeiçoadas.

A situação tornára-se extremamente delicada. A concorrência estrangeira, minando-a e cercando-a todos os dias, está pondo em risco a subsistencia de milhares de pessoas e uma parte da riqueza nacional. A falta de instrução technica, a aprendizagem imperfeita e não regulada, a indiferença dos poderes publicos, a carencia de capitães e instrumentos aperfeiçoados, vão operando dia e noite uma solução desgraçada.

Era tempo, pois, de tentar um esforço. Começar por uma exposição estava naturalmente indicado.

Agitar a população fabril e convencer-a a lançar-se n'uma tal empresa, a ella que tem vivido sempre na penumbra e como que abandonada, é

multo; mas não é tudo. O tudo é a união das vontades. Se se convencerem todos da força imensa de que poderão dispôr, se reunirem e disciplinarem os seus esforços, se se convencerem que um dos grandes males que afflige o trabalho local é a desunção e o indifferentismo de cada um em relação aos interesses geraes, se em vez de partidos meramente politicos levantarem outro que se proponha sobretudo a reorganisação da industria concelhia, se ao lado d'elle organisarem sociedades d'estudo que procurem a solução das questões que lhe dizem respeito, se emfim se formular claramente uma vontade decidida d'obter o rejuvenescimento das antigas e historicas industrias de Guimarães, os iniciadores e organisadores da exposição dar-se-hão por satisfeitos, quaesquer que fossem as contrariedades com que tiveram d'arcar para dar este primeiro passo definitivo no novo caminho.

ALBERTO SAMPAIO.

**OS TECIDOS NA ANTIGUIDADE**  
(Esboço)

**O**S povos do Oriente, os mais proximos do logar em que teve origem a humanidade, foram os primeiros a formar sociedades. Do convívio social nasceram as artes. Noema, irmã de Juba e de Tubal-Cain, inventou a arte de fiar e urdir para fabricar estofos. Os Hebreus, não achando este trabalho proprio do homem, entregavam-no ás mulheres, naturalmente mais sedentarias e mais propensas e affeioadas aos trabalhos domesticos. Na Escripura, a mulher fia e urde o linho e a lã.

Os Gregos, discipulos dos Phenicios, professavam equal conceito. Fizeram de Juba o seu Apollo, inventor da musica; de Tubal-Cain o seu Vulcano, deus dos ferreiros; de Noema a sua Minerva, que presidia á fiação das obras de lã. Homero, cujos poemas são o fiel transumpto dos usos e costumes do seu tempo, apresenta-nos na Odyssea, Penélope, Calypso e Circe entregues á tecelagem. Este uso prevalecia em Athenas nos tempos da sua mais erguida civilisação: as mulheres, separadas dos homens, e encerradas nos seus quartos, trabalhavam em linho, fazendo os vestidos e os moveis.

As damas romanas viviam menos retiradas; mas, apesar do fausto e corrupção que senhoreavam Roma no tempo de Augusto, este imperador trazia

O exemplo de união que os promotores da Exposição ofereceram, emergiu como nota principal e não deixou indiferente a imprensa regional e nacional, como se pode avaliar pelo tema condizente das notícias elogiosas que descreveram a Exposição e as suas indústrias, mas que destacaram, particularmente, as aspirações de Guimarães pelo direito a uma escola industrial:

*“Nenhum concelho de provincia, porém, que saibamos, tomou a si a empresa de uma Exposição Industrial, exclusivamente própria, por iniciativa particular, sem protecção oficial. A Exposição Industrial de Guimarães é, portanto, um verdadeiro successo, uma pagina brilhante para a historia da industria portugueza, especialmente do Minho.”*

Jornal do Commercio de Lisboa, N.º 9167. In *Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884*. Guimarães: Muralha – Associação de Guimarães para a Defesa do Património. Fac-simile, 1991, p.200.

*“A Exposição Industrial de Guimarães merece um estudo especial e um exame minucioso (...). O governo devia mandar alli um delegado seu para fazer esse estudo e proceder a esse exame e dar depois um relatório circunstanciado no qual indicassem as dificuldades com que luctam as industrias d'aquella cidade, e os meios de combatel-as para o poder central providenciar, como lhe cumpre e como é de justiça que faça”.*

Illustração Universal, 1884, n.º 21, p.193. In *Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884*. Guimarães: Muralha – Associação de Guimarães para a Defesa do Património. Fac-simile, 1991, p.193.

*“A cidade de Guimarães ahi está dando nobilissimo exemplo do seu progresso. Apesar da depauperação successiva das classes trabalhadoras, mercê da exhibição de tão mau governo, essas classes, desajudadas, dão ao certâmen em que entraram um claro testemunho da sua própria vitalidade. Que nos mostrem, que nos apresentem, se o podem, uma Exposição tão complexa, tão perfeita e tão variada, em um concelho sempre desconsiderado pelos poderes públicos!”*

Jornal de Santo Thyro, N.º 112. In *Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884*. Guimarães: Muralha – Associação de Guimarães para a Defesa do Património. Fac-simile, 1991, p.177.

A Exposição Industrial de Guimarães contou com a presença de dois visitantes oficiais: Gustavo Adolfo Gonçalves e Sousa, diretor do Instituto Industrial do Porto, que posteriormente produziu um relatório da visita publicado no Diário do Governo<sup>12</sup>, e no qual reforçou a importância de se instalar na cidade uma escola industrial; e Abílio Lobo, que se deslocou a Guimarães para estudar a secção dos linhos.<sup>13</sup>

Gustavo Sousa apreciou a exposição e foi conduzido pela comissão organizadora numa incursão ao terreno<sup>14</sup> visitando oficinas, fábricas e ateliês, contactando diretamente com os operários, artífices e industriais, dos quais ouviu reclamar por instrução técnica. No relatório produzido referiu-se à persistência dos industriais e operários pela instalação de uma escola industrial em Guimarães:

<sup>12</sup> Diário do Governo, N.º 243 de 24 de outubro de 1884, Direção das Obras Públicas, Comércio e Industria, Repartição da Indústria, p.2713-2717.

<sup>13</sup> Jornal do Commercio de Lisboa. In *Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884*. Guimarães: Muralha – Associação de Guimarães para a Defesa do Património. Fac-simile, 1991, p.253.

<sup>14</sup> Gustavo Sousa foi acompanhado por Alberto Sampaio, António Coelho da Mota Prego, Avelino Guimarães, Avelino Germano, José Joaquim de Meira e pelo barão de Pombeiro.

*“(…) o terreno está preparado. Todos os operários, seja qual for o seu officio, seja qual for a sua posição, anseiam pela instrucção e lastimam-se por não poderem adquiri-la. Era quasi a única protecção que pediam para as suas industrias, e se mais alguma coisa pediam collocavam sempre a instrucção em primeiro logar. Uma escola industrial era o seu sonho. Queriam conhecer os segredos da chimica, da physica, da mechanica, e lamentavam que na partilha da instrucção industrial que s. ex.<sup>a</sup> o ministro tão providentemente fez há poucos mezes, só lhes coubesse a elles uma simples aula de desenho (...)”*

*In Diário do Governo, n.º 243, de 24 de outubro de 1884, p.2717.*

O relatório de Gustavo de Sousa foi determinante para convencer o Governo a decretar a instalação da Escola Industrial, decisão que seria assumida oficialmente em 3 de dezembro de 1884.<sup>15</sup>

De acordo com as condições regulamentares da Exposição Industrial de Guimarães, o júri de peritos convidados para avaliar os produtos apresentados distribuiu 170 diplomas de 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> classe, oito menções honrosas e duas menções especiais concedidas a dois chefes de fábrica do setor dos curtumes.

Na exposição *Indústria Têxtil de Guimarães: do sistema antigo ao advento das máquinas* foi exibido o diploma de 1.<sup>a</sup> classe entregue a António da Costa Guimarães, Filho & C.<sup>a</sup> pelos produtos expostos nas secções XVIII e XIX. Trata-se de um dos 15 diplomas de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> classe atribuídos aos expositores que apresentaram linha (e trabalhos de linha), tecidos de algodão, panos de linho, toalhas e cobertas. Acompanharam a Fábrica do Castanheiro neste tributo outros destacados industriais e comerciantes como Joaquina Carolina de Santa Rosa, Viúva Nogueira e Sousa, Ana Angelina Moreira, Joaquim Martins de Oliveira Costa e António Crisóstomo da Silva Basto, Domingos Ferreira, Francisco José Rodrigues, José da Silva, Florinda Alves e José António da Cunha.<sup>16</sup>

<sup>15</sup> Decreto de 3 de dezembro de 1884, publicado no Diário do Governo n.º 282 de 11 de dezembro de 1884.

<sup>16</sup> *Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884*. Guimarães: Muralha – Associação de Guimarães para a Defesa do Património. Fac-símile, 1991, pp.130-131.



Exposição Industrial de Guimarães. Diploma de 1.ª Classe atribuído a António da Costa Guimarães, F. & C.ª. (1884). A.M.A.P.

Ao final da tarde do dia 26 de julho de 1884 a Exposição Industrial de Guimarães encerrou com uma sessão solene muito participada. Presidiu o então Governador Civil de Braga, Jerónimo da Cunha Pimentel (1842-1898) que exaltou a “*energia do concelho de Guimarães nas lutas do trabalho industrial*” e uniu-se “*ao aplauso unanime e imparcial da imprensa e do país*” felicitando “*o primeiro concelho industrial do distrito que tinha a honra de governar*”.<sup>17</sup>

O relatório da Exposição Industrial de Guimarães, entregue em julho de 1884 ao presidente da comissão central, Barão de Pombeiro, foi organizado e redigido em tempo recorde pelos então vogais da sub-comissão, Joaquim José de Meira e Alberto Sampaio.

Na carta que acompanhou o relatório, justificaram a natureza, extensão e conformação do documento com a necessidade de “*expor o maior número de factos de modo que o trabalho actual pudesse testemunhar largamente acerca do acontecimento [a exposição] que nos propunhamos elucidar*”.<sup>18</sup> Referiam-se, também, à necessidade de preencher a lacuna aberta pelas omissões do Relatório Industrial de 1881 que apenas dedicou duas páginas às indústrias de Guimarães e “*apontou muito poucos factos, alguns errados, apresentando-os confusamente e sem lhes dar o necessário desenvolvimento*”.<sup>19</sup>

O estudo *Quadro das industrias do concelho de Guimarães* ocupou 70 páginas do segundo capítulo do relatório da Exposição Industrial, refletindo o trabalho metódico, exaustivo e de proximidade que Joaquim José de Meira e Alberto Sampaio realizaram.

17 Jornal do Comercio de Lisboa. In *Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884*. Guimarães: Muralha – Associação de Guimarães para a Defesa do Património. Fac-simile, 1991, p.254.

18 *Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884*. Guimarães: Muralha – Associação de Guimarães para a Defesa do Património. Fac-simile, 1991

19 Idem

Todas as classes industriais do concelho foram analisadas, com base em entrevistas, registos e visitas às oficinas e fábricas. Os dados recolhidos incidiram sobre a tipologia de motores e máquinas, o número de operários (homens, mulheres e menores), o valor das matérias primas, o valor da produção e capital.<sup>20</sup>

*“O nosso propósito, que não devemos ultrapassar, foi reunir em poucas paginas o movimento industrial do concelho, e pensamos que a nossa obra, despida de largas considerações, concorrerá para chamar a atenção do publico para este ponto e mostrar com os factos averiguados, como o abandono ou depreciamento do trabalho fabril se traduziria n’uma verdadeira calamidade na economia do concelho, e como centro productor do paiz deixaria no seio da nação uma lacuna importante.”*

In SAMPAIO, A.; Joaquim J. de Meira. Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884. Guimarães: Muralha – Associação de Guimarães para a Defesa do Património. *Fac-simile*, 1991, p.16.

Momento de referência, acontecimento que desencadearia mudanças irreversíveis, a Exposição Industrial de Guimarães marca, simbolicamente, o arranque da mecanização da indústria têxtil local e a mudança de paradigma industrial que vai, paulatinamente, abandonar o trabalho manual e assumir as máquinas no espaço fabril. O entusiasmo patente nos discursos inaugurais do Barão de Pombeiro e do Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, Dr. Mota Prego<sup>21</sup>, proferidas na sessão de abertura da Exposição estavam mais do que justificados:

*Snr presidente da Câmara,  
Meus Snrs.*

*As exposições são um dos mais fortes elementos para rejuvenescer e aperfeiçoar as indústrias.*

*Guimarães uma das terras mais industriaes de Portugal e que se ufana de contar já em remotas eras artistas distinctos, tinha necessidade que este elemento de educação a viesse bafejar.*

*A direcção da benemérita Sociedade Martins Sarmiento, que nunca esquece que o seu fim é a educação popular, enviou seus esforços para ver se conseguia realizar uma exposição concelhia, industrial, agricula e da arte antiga.*

*Nascente ainda, esta Sociedade não possuía elementos próprios para a realizar; não desanimou: convidou a reunir-se na sua casa vários industriaes, comerciantes e proprietários, fez a todos sentir a necessidade que havia de fazer n’esta terra uma exposição n’aquellas condições e que ella só de per si não podia levar a efeito, afirmando comtudo estar convencida que unidas as vontades e esforços de todos os presentes por certo este commettimento seria levado a cabo.*

*Esta verdade calou no animo de todos como verdadeiramente dedicados aos interesses da sua pátria, e d’entre si nomearam uma comissão, que tivesse a seu cargo pôr em pratica os desejos manifestados.*

*Surgiram as dificuldades, e a empresa tão vasta, como se havia deliniado, não pôde infelizmente por enquanto ser realizada, e a exposição industrial foi de todas a que se julgou mais adaptada no meio em que actualmente vive Guimarães, e por isso aquella de que mais resultados práticos se podiam auferir.*

*Para consentimento d’este fim convergiram todos os esforços, esforços que felizmente vemos hoje coroados de melhor êxito.*

<sup>20</sup> No final do capítulo é apresentada uma tabela geral que compara todas as indústrias identificadas nos diferentes aspetos em análise.

<sup>21</sup> Estas alocações foram proferidas ao vivo numa performance executada por dois atores do grupo de teatro “Bando do Gil”, na sessão de abertura da exposição *Indústria Têxtil de Guimarães: do sistema antigo ao advento das máquinas* no AMAP, no dia 28 de junho de 2019.

*Esta exposição, snrs, não tem unicamente por fim chamar à competência, e por isso ao aperfeiçoamento os nossos artistas, vai mais além.*

*Mostrando Guimarães neste certamen, quam valiosa é a sua industria, em tantos diversos ramos, adquire um importante título para que o poder central lhe conceda a indispensável protecção, a que tem direito.*

*Congratulo-me sr. Presidente da camara municipal d'esta cidade, por ver que esta exposição vem patentear que todos aquellos que tem luctado pela instrucção profissional da nossa classe artística, entre os quaes occupa honroso lugar a Corporação a que V. Ex.<sup>a</sup> dignamente preside, lhes sobra motivos para fundamentarem suas reiteradas solicitações.*

*Termino agradecendo a V. Ex.<sup>a</sup> e a todas as pessoas que acedendo ao nosso convite, se dignaram abrilhantar esta festa do trabalho, e pedindo a V- Ex.<sup>a</sup> que nos dê a honra de declarar aberta e Exposição Industrial de Guimarães.*

(Transcrição do discurso do Barão de Pombeiro, publicado em *O Comércio de Guimarães*, Suplemento n. 97, 18 de junho de 1884)

\*\*\*

*(Em seguida, o snr. Presidente da camara leu a seguinte alocação:*

*Agradeço a V- Ex.<sup>a</sup>, em nome da camara municipal, a honra que (me) foi conferida de inaugurar a exposição industrial vimaranense.*

*“Cabe a Guimarães a gloria de iniciar no paiz as exposições concelhias, dando por esta forma uma prova cabal e plena do seu progresso.*

*Esta exposição satisfaz perfeitamente a um duplo fim: porque não é só um certamen onde se criam estímulos, que conduzem ao aperfeiçoamento, mas, ao mesmo tempo é a afirmação mais positiva, feita perante um povo inteiro, da importancia industrial d'um concelho, que ousou conseguir uma exposição, de notável merecimento, simplesmente industrial.*

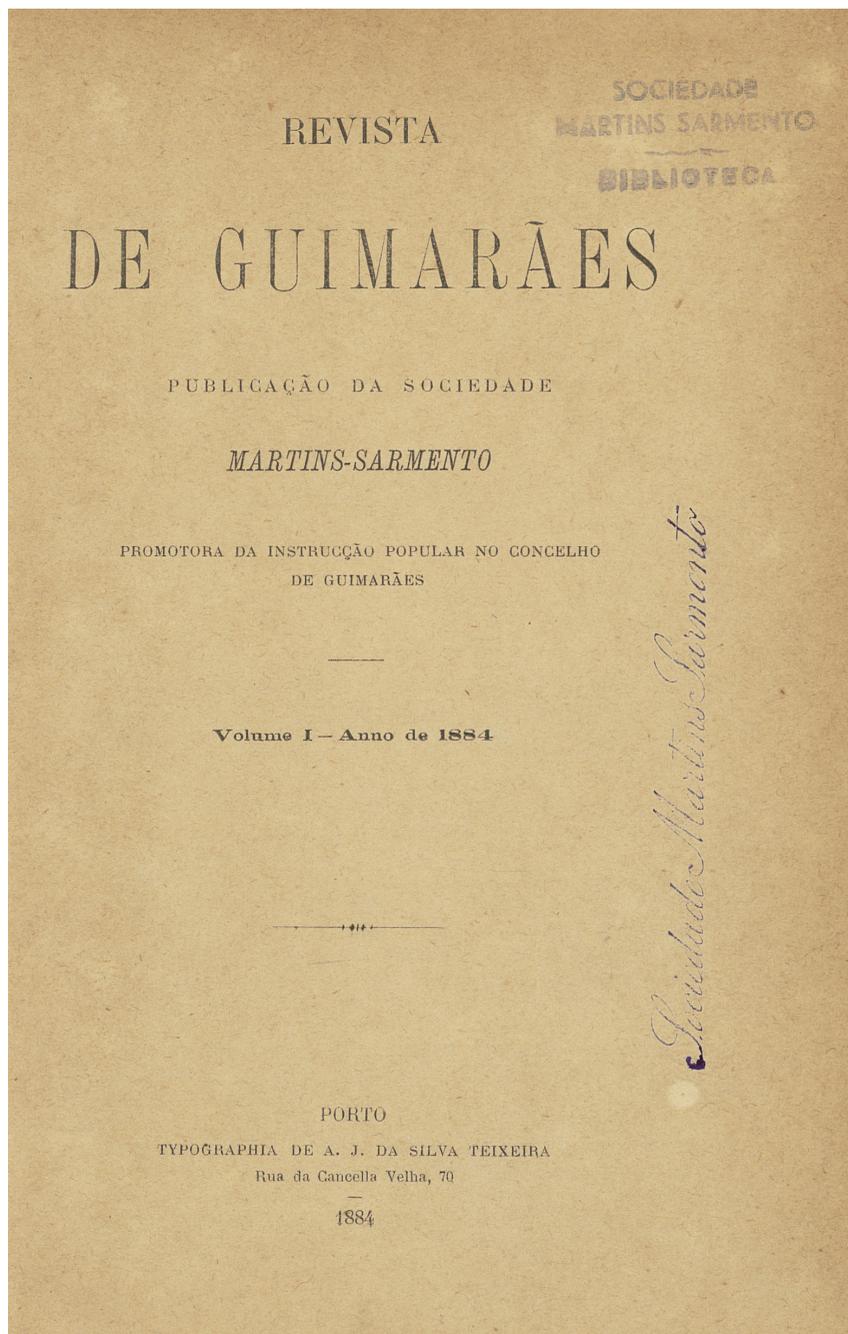
*Em breve vamos apresentar ao exame e apreciação de compatriços e estranhos os productos da industria vimaranense; a sentença, que vae ser proferida, será, decerto, mui honrosa para nós e sempre um incentivo para o progresso d'esta exposição se esperam as mais eficazes lições; se é certo que a industria não pode subsistir, nos tempos modernos, sem a instrucção profissional e que o futuro de Guimarães está ligado ao aperfeiçoamento das suas industrias, a consciência d'esta verdade levar-nos-hia, a nós os filhos d'esta nobre e briosa terra, a empregarmos todos os esforços para conseguirmos por todos os modos aquella instrucção profissional. Quem ousa o que nós ousamos, não deve, direi mais, é-lhe impossível parar no caminho encetado.*

*“Meus senhores: é um arrojo conceber uma exposição geral de um concelho de provincia, embora importante; mas circunscrever essa exposição à industria, e empreender realisar-a com probabilidades de êxito honroso, é uma verdadeira temeridade; mas executal-a de modo que é uma gloria para Guimarães, é isso um prodígio que assombra: esse arrojo, essa temeridade, esse prodígio eil-o aqui.*

*“À Sociedade Martins Sarmiento, em cujo seio brotou a ideia da exposição e que a promoveu, à comissão central e sub-comissões que a organizaram, aos industriaes e demais pessoas que a ella concorreram, os nossos parabéns por terem conseguido a realização dos seus desejos.*

*“Está aberta a exposição industrial vimaranense”.*

(Transcrição do discurso do Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, Dr. Motta Prego, publicado em *O Comércio de Guimarães*, Suplemento n. 97, 18 de junho de 1884)



Revista de Guimarães, N. 01, Volume I—1884. S.M.S.

## A importância estratégica da Revista de Guimarães

O primeiro número da “Revista de Guimarães” (RG), órgão científico da Sociedade Martins Sarmento, foi preparado durante o ano de 1883<sup>22</sup> e lançado em janeiro de 1884, mantendo-se em publicação (2019). Sendo uma das mais antigas revistas de natureza científica publicadas em Portugal, acompanhada apenas pela revista científica e literária da Universidade de Coimbra, O Instituto (1851-1981), é também um caso atípico da iniciativa intelectual com origem numa sociedade filantrópica da província, algo de invulgar para a época e, talvez, também para os dias de hoje.

A RG surgiu com o objetivo de estudar as condições da vida local e chamar à atenção para os problemas da instrução popular. Excluía-se das preocupações editoriais abordagens aos grandes temas da filosofia, da ciência e das artes, concentrando-se na apresentação de estudos e artigos dos homens distintos de Guimarães.<sup>23</sup>

*“(...) serão, por ventura, diferentes das nossas as condições económicas do resto do paiz, de fôrma que o estudal-as em Guimarães não tenha prestimo senão aqui? o regimen industrial e as condições technicas de progresso de cada industria, o regimen legal da propriedade não estão ahi reclamando a attenção de todos os interessados? e os interessados não somos nós todos?(...) “Na vida social d’um povo todas as cousas se ligam umas a outras por fôrma indissolúvel. A sorte da instrucção popular do municipio está intimamente ligada á da sua administração e da sua política. Por isso estes importantes factores da prosperidade ou decadencia publica merecerão todo o nosso desvelo.”*

*In Introdução, Revista de Guimarães, p.VII.1884*

Na sua primeira fase editorial (1884-1913) destacaram-se artigos dedicados a temas sobre as indústrias, as exposições, a mecanização e a instrução popular. O corpo editorial privilegiava estudos sobre Guimarães, embora procurando impacto nacional e internacional, o que explica muitas colaborações de estudiosos, académicos e investigadores, nacionais e estrangeiros, garantindo ampla expressão à publicação.

São particularmente relevantes os contributos do núcleo fundador nas primeiras décadas - Martins Sarmento (1833-1899), Alberto Sampaio (1841-1908) e o irmão José Sampaio (1841-1899), Domingos Leite de Castro (1846-1916), Avelino da Silva Guimarães (1841-1901), o Abade de Tagilde (1853-1912), Avelino Germano (1842-1908) e João de Meira (1881-1913).<sup>24</sup> Ao escol de *sábios de Guimarães* juntaram-se vultos das artes, ciências e letras portuguesas como Raul Brandão, Teófilo Braga, Trindade Coelho, Sousa Viterbo, Bernardino Machado e Francisco Adolfo Coelho, mas também notáveis das ciências da Alemanha, França e Espanha.<sup>25</sup>

O analfabetismo, assumido como o maior entrave ao desenvolvimento, ao progresso industrial e ao crescimento da economia local, era um monstro para abater e todas as armas da Sociedade Martins Sarmento foram apontadas no sentido desse alvo com o intuito de pugnar pelo desenvolvimento das indústrias locais e pela instrução popular.

<sup>22</sup> A proposta para a criação da RG foi apresentada pela direção da Sociedade em 27 de janeiro de 1883 e aprovada em assembleia geral no dia 7 de Fevereiro de 1883. Pretendiam os seus subscritores lançar um “órgão da Sociedade Martins Sarmento, promotora da Instrução popular no Concelho de Guimarães”.

<sup>23</sup> Introdução pela direção da SMS., in *Revista de Guimarães*, 1 (1) jan.-mar. 1884, p. I-VII.

<sup>24</sup> Destacam-se ainda os contributos de Mário Cardozo, Alberto Vieira Braga, António de Azevedo, A. L. Carvalho ou João Lopes de Faria, autores de monografias de impacto nacional.

<sup>25</sup> Como é o caso de Emil Hübnér, Rudolf Virchow, Adolf Schulten, Gordon Childe, Émile Cartailac, Pere Bosch i Gimpera, Fermín Bouza Brey, Florentino López Cuevillas e Julio Caro Baroja.



Escola Industrial Francisco Holanda (entre 1894 e 1904). M.-A.G.D.P.

### III. A Escola Industrial Francisco Holanda

A publicação do Decreto de 20 de Dezembro de 1864 que definia a criação das três **primeiras escolas industriais de Portugal** na Covilhã, Portalegre e em Guimarães, empolgou a sociedade local, mas depressa os vimaranenses perceberam que aquele decreto não passava de **uma promessa**. Uma promessa que demorou 20 anos a cumprir.

\*\*\*

Na **Sociedade Martins Sarmento** refletia-se sobre um **novo futuro para Guimarães**. O ano de 1884 estava a começar. Expandia-se a frente de intervenção cívica, envolvendo empresários e líderes locais da época. Cartas, representações ao Governo, artigos de opinião publicados na imprensa local e regional, todos os meios foram empregues para captar a atenção pública em torno de dois grandes propósitos: a organização de uma exposição e a **instalação da escola industrial**.

A publicação, a **3 de janeiro de 1884**, de um Decreto de António Augusto de Aguiar que excluía a cidade da lista das novas escolas de **Desenho Industrial** provocou uma onda de **indignação em Guimarães**. O Governo só emendou a mão no final do ano, a **3 de dezembro de 1884**, após forte contestação, decretando a abertura da **Escola Industrial Francisco Holanda**, cujas aulas começaram a **14 de janeiro de 1885** com **153 alunos inscritos**.

Sucederam-se décadas de **instabilidade** e **ameaça** permanente sobre a sobrevivência da *escola*. Inoperância política, limitações financeiras e falta de recursos afastaram a escola da sua missão: qualificar operários. As primeiras aulas decorreram numa sala cedida pela Sociedade Martins Sarmento, sucedendo-se a mudança de instalações: Casa dos Laranjais, Casa do Barão de Pombeiro, Mosteiro de Santa Clara (em regime de coabitação com o Liceu e o Internato Municipal).

O rei D. Luís I até formalizou, com o lançamento da primeira pedra, a construção do edifício definitivo, mas os barracões das oficinas na **Quinta do Proposto** foram, entretanto, ocupados pelo Regimento de Infantaria 20.

No quadro das novas reformas de 1886 e para colmatar a **falta de professores e mestres qualificados** para lecionar nas escolas de ensino industrial e técnico, o Governo abriu concursos públicos internacionais para admissão de candidatos estrangeiros. Essa vaga de recrutamento trouxe até Guimarães **três estrangeiros** dispostos a ensinar: **Martin Braun** (fição e tecelagem), **Paul Von Wagner** (desenho de ornato) e **Alfred Schwarz** (desenho de máquinas). Tão depressa chegaram como partiram.

Muito **material didático, laboratorial e técnico**, coleções de modelos em gesso e estampas, aparelhos de fotografia e catálogos, adquiridos com apoio da Sociedade Martins Sarmiento, Câmara Municipal e dos industriais, chegou a ser utilizado, mas os **teares mecânicos**, as **máquinas de fição** e a **caldeira a vapor**, comprados em **1890**, só foram desenhados em 1927 (os teares) e 1941 (máquinas de fição), mas para serem vendidos à Fábrica da Senhora da Hora. **Ninguém aprendeu naquelas máquinas.**

Ainda assim, a **Escola Industrial Francisco Holanda** foi o **berço de formação** para centenas de alunos, muitos dos quais se tornaram **grandes homens de negócios e industriais de Guimarães.**

\*\*\*

*“(…) Só a instrução, desenvolvida, racionalmente estabelecida, afeiçoada às aptidões industriaes já determinadas em cada localidade, formando o operário hábil, não só hábil mas preparado, como quer Salicis, para o exercício d'um grupo de industrias similares, pôde salvar os operários portuguezes, consequentemente os vimaranenses, e assim conservar-se esta fonte de receita abundante, que sustentou o bem estar a milhares de famílias operarias, e causou a opulência do commercio de Guimarães.*

*Desde 1852 que os governos portuguezes, sem excepção de partidos, se esforçam por desenvolver a instrução industrial; desde então que invocam a cooperação da iniciativa particular; a voz dos estadistas tem sido mal ouvida ou esquecida; só agora se sente um movimento enérgico, só agora a iniciativa particular se manifesta, só nos últimos anos se vulgarizam as agremiações promotoras d'instrução popular: na avançada d'este movimento nacional colocou-se oportunamente a SOCIEDADE MARTINS-SARMENTO.”*

GUIMARÃES, Avelino da Silva. “Razão de ordem para o futuro boletim”, *Revista de Guimarães*. 1 (1) Jan.-Mar. 1884, p. 1-24.)

*“(…) o terreno está preparado. Todos os operários, seja qual for o seu officio, seja qual for a sua posição, aneiam pela instrução e lastimam-se por não poderem adquiri-la. Era quasi a única protecção que pediam para as suas industrias, e se mais alguma coisa pediam collocavam sempre a instrução em primeiro logar. Uma escola industrial era o seu sonho. Queriam conhecer os segredos da chimica, da physica, da mechanica, e lamentavam que na partilha da instrução industrial que s. ex.<sup>a</sup> o ministro tão providentemente fez há poucos mezes, só lhes coubesse a elles uma simples aula de desenho (...)”*

In Diário do Governo, n.º 243, de 24 de outubro de 1884, p.2717

\*\*\*

Assunto delicado e de implementação complexa, do ponto de vista político, o ensino, ou a instrução popular, era uma matéria crítica para os poderes públicos da segunda metade do século XIX. É desse período a reforma que estabelecia a reorganização do ensino industrial e a criação das escolas elementares, procurando, com uma só decisão política, a conciliação da instrução geral e instrução técnica.

Embora frustrada a aplicação no terreno, foi determinante a publicação do Decreto de 3 de janeiro de 1864, com assinatura de João Crisóstomo de Abreu Sousa, Ministro de Estado das Obras Públicas, Comércio e Indústria, que estabeleceu escolas industriais em Guimarães, Covilhã e Portalegre.<sup>26</sup> Contudo, o objetivo de alargar a oferta até à província e tornar o ensino industrial mais acessível nas regiões onde as indústrias poderiam expandir-se não se concretizou e a reforma manteve o ensino industrial circunscrito a Lisboa e Porto, deixando em suspenso a criação das restantes escolas.

Foram vencidos 20 anos, até à tomada de consciência do incumprimento. O então Ministro das Obras Públicas, Comércio e Indústria, António Augusto de Aguiar, assinou um decreto limitando à Covilhã a atribuição de uma escola industrial para corresponder às necessidades das “indústrias predominantes naquela localidade, devendo este ensino ter uma forma eminentemente prática”.<sup>27</sup>

O decreto de 3 de janeiro de 1884 indignou Guimarães.<sup>28</sup> A Sociedade Martins Sarmiento, reunida em 10 de janeiro, decidiu avançar com uma representação ao Ministério das Obras Públicas. A missão foi assumida pelo Conde de Margaride e pelo Barão de Pombeiro que apresentaram o pedido para a criação de uma escola industrial na cidade, relembrando o decreto por cumprir de 1864, as omissões do Relatório Industrial de 1881, a aptidão industrial de Guimarães e os sacrifícios suportados pelo tecido económico local:

*“A expansão extramuros deste velho berço da monarquia deve-se à opulência do seu comércio, este à opulência da sua indústria. É por isso justíssima a pretensão da Sociedade Martins Sarmiento. Associação particular, coopera para o bem público estudando as necessidades do seu concelho, e pedindo aos altos poderes do Estado a força, as providências, que só do Estado podem vir: é justo que o Governo de V. M. ouça a voz de quem pede, somente por impulso patriótico, que este foco largamente industrial seja considerado como merece.”*

*In Religião e Pátria, 12 de janeiro de 1884, N.º 6, 35.ª Série.*

À Sociedade Martins Sarmiento juntaram-se outras instituições para reforçar a representação junto do governo: a Associação Artística Vimaranesense, a Associação Clerical de Guimarães e até o jornal *O Imparcial de Coimbra* fez chegar à redação de *O Espectador*, uma carta de crítica à decisão do governo por este omitir Guimarães da lista de cidades a beneficiar com a instalação de uma escola industrial. A tolerância dos vimaranenses esgotara-se e em março de 1884, nas páginas do jornal *Religião e Pátria*, analisava-se a situação e sublinhavam-se as preocupações: “*Se nem as diligências dos nossos dois nobres conterrâneos, nem os esforços que está empregando o digno governador civil do distrito, sortirem efeito, convirá que Guimarães dê sinais de vida e mostre que não sofre impunemente que a desconsiderem.*”<sup>29</sup>

Por proposta de Mariano de Carvalho, apresentada na Câmara dos Deputados, foi recomendada a inscrição de uma verba de 1.360\$000 réis para sustentar a criação de escolas de desenho industrial em Guimarães e Portalegre. A proposta foi aprovada, ainda que em Guimarães a aspiração fosse no sentido da criação da escola industrial. A decisão motivou uma interpelação do Conde de Margaride pelo incumprimento do decreto de 1864.<sup>30</sup>

26 Decreto de Lei n.º 1, de 2 de janeiro de 1805, p.960.

27 Decreto de 3 de Janeiro de 1884; Diário do Governo, n.º 5; de 7 de Janeiro de 1884

28 LAMEIRAS, Alberto. (2010). “A escola Francisco de Holanda e o sistema de ensino. “In NEVES, António A. das, LAMEIRAS, Alberto (orgs.), 1884 - O ano que mudou Guimarães. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento. Pp.201-208.

29 Jornal Religião e Pátria, 1 de março de 1884, N.º 18, 35.ª Série.

30 O Espectador, 3 de abril de 1884, n.º 23, 1.º Ano.

Em abril de 1884 a Sociedade Martins Sarmento dirigiu à Câmara dos Pares nova representação favorável à criação da escola industrial e para a qual concorria um novo argumento: a cidade preparava-se para inaugurar uma exposição industrial *restritamente* concelhia e com índices tão elevados de mobilização que obrigavam a organização à construção de anexos para acolher todos os produtos.<sup>31</sup>

No mês seguinte foi publicada uma portaria<sup>32</sup> fundando uma escola de desenho industrial, sendo professor titular António Augusto Cardoso e que funcionou em sala cedida pela Sociedade Martins Sarmento (Martinho, 1996). O professor de desenho seria nomeado definitivamente aquando da criação da escola industrial, por indicação do Inspetor da Circunscrição do Norte das Escolas Industriais, Parada Leitão.

Reforçariam a defesa da escola industrial os relatores Joaquim José de Meira e Alberto Sampaio. No relatório da Exposição Industrial, reiteraram que “uma escola industrial faria maravilhas”<sup>33</sup> pela já de si promissora indústria de Guimarães. E, efetivamente, a conjugação de conteúdos vertidos em documentos como este e como o relatório de Gustavo de Sousa serviram de base à decisão do Governo.

No dia 9 de novembro de 1884, pelas duas e meia da tarde, João Franco Castelo Branco, há pouco tempo eleito deputado pelo círculo de Guimarães, enviava um telegrama a Francisco Ribeiro Martins da Costa (1834-1901), anunciando a criação da escola industrial. A notícia espalhou-se pela cidade e foi recebida com satisfação cautelosa que só a publicação do decreto libertou.

O ministro António Augusto Aguiar, reviu a decisão de 3 de janeiro de 1884, emendou a letra e decretou, a 3 de dezembro de 1884<sup>34</sup>, a criação da escola industrial em Guimarães. Justificou-se com repetidas considerações sobre o “*grande desenvolvimento industrial d’este importante centro de produção, afirmado, entre outras manifestações, mais notavelmente pela ultima exposição que ali se celebrou*”.<sup>35</sup> Reafirmou, ainda, os propósitos de um ensino eminentemente prático e adequado às indústrias predominantes na localidade, mas o tempo demonstraria que da letra de lei à realidade ainda seriam muitas as dificuldades e os obstáculos a enfrentar pela *escola*.

O tão esperado decreto estabeleceu que seriam ministradas as disciplinas de aritmética, geometria elementar, contabilidade industrial, desenho industrial e química industrial. A disciplina de desenho industrial, que já vigorava em Guimarães com apoio da Sociedade Martins Sarmento, seria integrada no plano de estudos da *nova* escola cuja abertura ficava dependente da aprovação do orçamento do Estado para o ano 1885/1886 e das verbas nele inscritas necessárias para contratar pessoal e assegurar as duas cadeiras criadas ao abrigo do decreto.<sup>36</sup>

As aulas começaram no dia 14 de janeiro de 1885 com 153 alunos inscritos (139 rapazes e 14 raparigas), em sala cedida pela Sociedade Martins Sarmento. As dificuldades dos primeiros anos de funcionamento da escola são compreensíveis pela leitura dos diferentes relatórios produzidos pelas direções da escola e por José Guilherme de Parada Leitão (Inspetor da Circunscrição do Norte das Escolas Industriais).<sup>37</sup>

A falta de professores e mestres qualificados para lecionar nas escolas de ensino industrial e técnico, criadas no quadro das novas reformas (1886), levou o Governo a autorizar a abertura de concursos públicos internacionais para admissão de candidatos estrangeiros. Ao abrigo dessa vaga de recrutamento chegaram à escola industrial de Guimarães três estrangeiros (Martinho, 1997) para assegurarem as aulas de fiação e tecelagem (*Martin Braun*), desenho de ornato (*Paul Von Wagner*) e desenho de máquinas (*Alfred Schwarz*).

31 Nos artigos que escreveu sobre a Exposição Industrial, publicados no *Jornal do Comércio de Lisboa*, Avelino da Silva Guimarães descreveu a ocupação integral do Palácio de Vila Flor “e ainda anexos”, referindo-se aos “numerosos expositores” que escolheram lugar para marcarem presença no certame. Para leitura integral desses artigos consultar NEVES, A. A., LAMEIRAS, A. (2010). “1884: O ano que mudou Guimarães”, pp.137-189.

32 Portaria de 6 de maio de 1884, Diário do Governo N.º 103, de 7 de maio de 1884.

33 In MEIRA, Joaquim José de; SAMPAIO, Alberto. (1991). Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884. Porto: Muralha, p.144

34 Diário do Governo, n.º 282 de 11 de dezembro de 1884.

35 Idem.

36 Ibidem.

37 Ministério das Obras Publicas, Commercio e Industria, Direcção Geral do Commercio e Industria. *Relatorio sobre as Escolas Industriais e de Desenho Industrial da circunscrição do Norte (1889 a 1890)*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1891.

Emídio Navarro inaugurava um período de prosperidade para o ensino industrial, debitando legislação e regulamentação que incluiu, entre outros, o ensino profissional feminino e uma aposta em máquinas, manuais e catálogos. O país, e a cidade, reclamavam por técnicos capazes de manobrar máquinas com proficiência e capacidade de leitura dos manuais de instruções (foram asseguradas aulas de francês para que os alunos de desenho compreendessem os procedimentos).

Porém, o que se estabelecia como “ensino prático” ainda não era uma realidade no ano de 1892. No seu relatório, Parada Leitão, foi contundente:

*“Em Guimarães principalmente a demora na conclusão do edificio das officinas, alem do prejuizo que causa ao ensino, privando os alumnos da instrucção pratica, que é distinctivo d’esta especie de escolas, acresce a circumstancia de já ter chegado uma parte importante do machinismo destinado para as officinas, machinismo cuidadosamente escolhido, de um preço elevado, e que pela falta de casa não pôde ser montado, correndo o risco de se deteriorar, sem poder ser utilizado. E no emtanto este machinismo foi demorado nas fâbricas durante algum tempo á espera que a construção das officinas se adiantasse; e só foi mandado vir quando, pelo estado das obras, tudo levava a crer que á sua chegada seria possivel montal-o. Não succedeu, porém, assim, e ha perto de um anno está esse material em Guimarães esperando que as officinas sejam postas em condições de o receber.”*

Parada Leitão, *In Relatório sobre as Escolas Industriais e de Desenho Industrial da Circunscrição do Norte: 1889 a 1890*, pp.16-17.

As sucessivas mudanças de edifício e a falta de instalações definitivas para a escola não permitiu, como explica Craveiro (1984:16-17), armazenar “...os pesados caixotes que um comboio de 28 carros de bois trouxe da estação de caminho-de-ferro de Famalicão [dentro dos quais se encontravam] os teares mecânicos, máquinas de fiação, a caldeira da máquina a vapor, etc.”. Refere ainda Craveiro que a carga que chegou em 1890 só foi desencaixotada em 1927 e os teares mecânicos e as máquinas de fiação permaneceram em caixotes até 1941, ano em que foram vendidas à Fábrica da Senhora da Hora:

*“Outro material havia de chegar: mais onze caixotes com material de laboratório químico e três máquinas de costura, ainda em 1890; e, no ano seguinte, colecções de modelos de desenho, em gesso, que continuam integrando o rico património da Escola. Vieram ainda aparelhos de fotografia e colecções de estampas, de excelente qualidade, com motivos da História da Arquitectura, de várias épocas e de diferentes civilizações”*

José Craveiro, *In Centenário da Escola Secundária Francisco de Holanda*, (1984) pp.16-17.

Para além de uma vasta biblioteca que contempla uma coleção antiga com cerca de 1750 volumes, a *Escola* mantém a salvo a coletânea de portefólios de desenho industrial (1876, 1888, de John Cockerill, Paris e Liège), tecelagem (Edouard Gand, “*Cours de Tissage*”, Paris, 1886), catálogos de tecidos (Casa Rey Ainê, Bruxelas; Casa Witte-Lousbergs, Bélgica, século XIX), assim como um conjunto exemplar de instrumentos de Física, instrumentos de Química, teares (mecânicos e manuais) e um painel encaixilhado com oito ramos de linho, provenientes de Groningen, Bruges, Lokeren e Rússia, em distintas fases de preparação e que se destaca na coleção de linhos e tecidos.<sup>38</sup>

<sup>38</sup> Alguns dos elementos foram apresentados na exposição *Indústria Têxtil de Guimarães: do sistema antigo ao advento das máquinas* promovida pelo Arquivo Municipal Alfredo Pimenta (28 de junho a 31 de dezembro de 2019). A saber: instrumentos de química, quadro com ramos de linho, catálogo “Roupa de Meza – Casa Rey Ainê: adamascados. Bruxelas” e livro técnico “Delessard – La Filature du coton: les Machines modernes”

Parte do acervo da escola industrial sobrevive praticamente intacto porque não foi utilizado (ou foi pouco utilizado). As peças mais antigas, nomeadamente as que integram as coleções dos laboratórios das ciências físico-químicas, vão sendo restauradas por um professor da escola.<sup>39</sup> As restantes encontram-se expostas para que possam ser admiradas pela comunidade escolar. As peças mais valiosas e relevantes (também em maior número) encontram-se no museu da escola que é possível visitar com prévia marcação e autorização.

A importância da coleção didática e histórica da (atual) Escola Secundária Francisco Holanda é confirmada pela requisição de alguns dos objetos, por diversas entidades, para integrar exposições nacionais e internacionais. Os esforços de catalogação, inventariação e musealização são integralmente assumidos pela escola.<sup>40</sup>

#### IV. A industrialização

A **industrialização**, que se intensificou nas últimas décadas do **século XIX** e primeiras do século XX, com a **mecanização** e a **eletrificação**, implicou novas formas de ocupação, vivência do território e interação dos homens com as máquinas. A indústria penetrou na paisagem envolvendo, profundamente, as dimensões do **humano** e do **edificado**.

A **desindustrialização** ocorrida nas últimas décadas do século XX operou em sentido contrário. Expressou-se pelo abandono e degradação de edifícios fabris, pelo afastamento das pessoas e apagamento das (suas) memórias. Nesse processo desmaterializou-se património e perderam-se fontes documentais relevantes para a reconstituição histórica da indústria têxtil.

Se muitos dos edifícios, máquinas, equipamento de laboratório, livros de contabilidade e objetos do quotidiano fabril **desapareceram para sempre**, outros foram salvos, resgatados e preservados. E são algumas dessas fontes que estão na base desta exposição.

Apresentam-se nesta exposição **três fábricas** fundadas no **século XIX**: Fábrica do Castanheiro (1886-2013), Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães (1893-1977) e Fábrica do Moinho do Buraco (1896-1991).

Três razões justificam esta escolha: o **pioneirismo tecnológico** (na introdução da tecnologia mecânica e elétrica), a **longevidade** (duas delas sobreviveram até ao século XX, outra encerrou já no século XXI) e a **preservação** de arquivos e objetos (que contribuem para a interpretação histórica da industrialização em Guimarães).

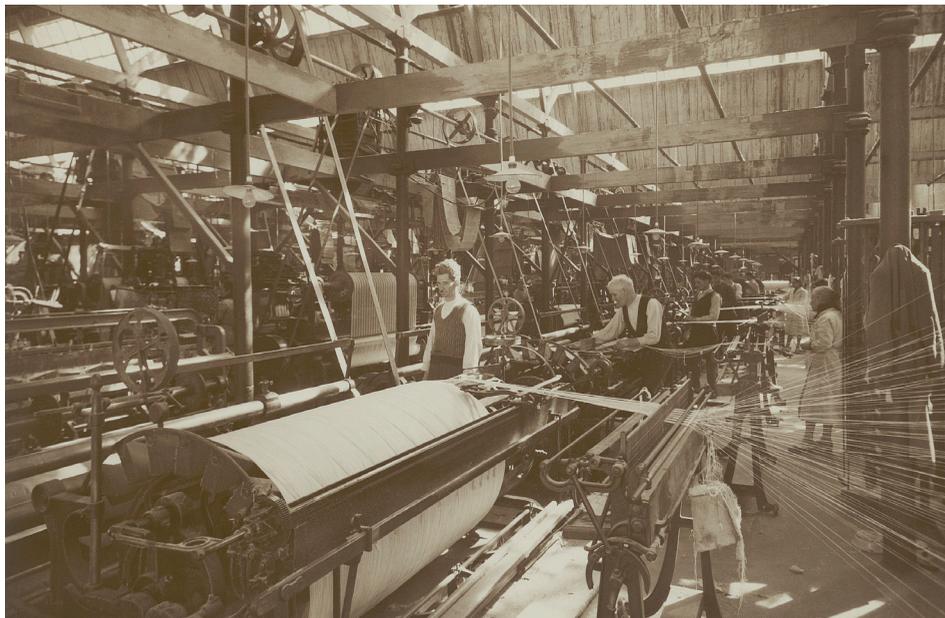
Os avanços da ciência e o génio inventivo e tecnológico determinaram a **Revolução Industrial**. Na sociedade atual, a ciência, a tecnologia e a inovação são pilares do desenvolvimento da indústria e da economia, e dos quais não podemos dissociar a **História**.

Porque as conquistas de hoje foram antecedidas pelos progressos do passado, esta exposição é também o **reconhecimento** de uma importante página da História que caracteriza **Guimarães** e uma **homenagem** a milhares de pessoas anónimas que, com o seu trabalho árduo abriram caminho para que outros chegassem mais longe e todo o território prosperasse.

---

<sup>39</sup> António Viana Paredes é professor de artes na Escola Secundária Francisco Holanda e já recuperou dezenas de peças, prosseguindo com o seu trabalho colaborativo e gracioso.

<sup>40</sup> Livro da EPE Parque Escola, Liceus, Escolas Técnicas e Secundárias, 2010, 1ª edição, Parque Escola EPE, ISBN 978-989-96106-4-4



Trabalhadores do setor de tecelagem junto aos teares Jacquard. Coleção de fotografias da Fábrica do Castanheiro – Antônio da Costa Guimarães, F. & C.<sup>a</sup>. [19...]. A.M.A.P.

### Os “tempos modernos”, uma proposta de interpretação

Muito do trabalho desenvolvido no âmbito da exposição *Indústria Têxtil de Guimarães: do sistema antigo ao advento das máquinas* deriva dos estudos produzidos pela consulta realizada ao arquivo da Fábrica do Castanheiro, como já referimos. E um dos aspetos mais interessantes da coleção é a diversidade de fontes documentais – dos livros de contabilidade às fotografias – que permitem ao investigador uma leitura abrangente e contextualizada das diferentes dimensões do trabalho industrial.

É, aliás, a coleção de fotografia que mais contribui para testemunhar a passagem da produção artesanal para a produção mecanizada e em série, tornando mais presente a existência de um cenário familiar – a vida numa fábrica em Guimarães –, assim como o processo de industrialização tardia. Outros aspetos que reconhecemos da ampla literatura sobre a Revolução Industrial estão representados na fotografia de um operário fatigado que se destaca entre teares e teias de fio num salão de tecelagem da Fábrica do Castanheiro.<sup>41</sup> A figura emerge como *punctum* que nos fere (Barthes, 1981) e coloca o espírito da industrialização dentro do território local, como que replicando uma cena de “Tempos Modernos” (Chaplin, 1936).

Conhecida a pressão para a mecanização, empreendida pela elite pró-industrial de Guimarães em 1884, importa refletir nas condições em que ocorreu a transição da produção artesanal e rudimentar para a produção mecanizada e em série. O espaço laboral foi ocupado por equipamento pesado transformando o elemento

<sup>41</sup> A fotografia apresenta o operário em primeiro plano entre as máquinas da Fábrica do Castanheiro. Pertence à coleção documental da fábrica e terá como autor Manuel Machado (Foto Beleza), correspondendo às primeiras décadas do século XX (talvez anos 30).

humano numa espécie de máquina orgânica, e, no limite, em mais uma peça da engrenagem. Realce, ainda, para a desproporcionalidade do mecanismo em relação ao homem que subtrai deste a sua essência, na imagem refletida pelo abatimento e inexpressão emocional. O cárcere do trabalho aponta a castração da liberdade e reforça a metáfora, tantas vezes repetida, da fábrica como campo de batalha.<sup>42</sup>

### Três fábricas do século XIX, razões para uma escolha

Para retratar o período de industrialização mecânica do setor têxtil em Guimarães (últimas décadas do século XIX), destacaram-se três fábricas – Castanheiro, Moinho do Buraco e Campelos. A existência de fontes documentais bem preservadas, o pioneirismo tecnológico e a longevidade (fundadas no século XIX deixaram de operar em finais do século XX e no XXI) justificam a escolha.

Sobre as três fábricas, embora em dimensões muito distintas, existem coleções documentais e de objetos que permitem enquadrar as diferentes etapas do processo de mudança industrial em Guimarães e compreender o impacto transformador do seu funcionamento, sobretudo do ponto de vista tecnológico, social e económico.

O processo de adaptação tecnológica da indústria têxtil em Guimarães contemplou dois períodos distintos - antes e após o ano de 1884 - e essa transição foi estabelecida com a chegada dos primeiros (três) teares mecânicos.

A **Fábrica do Castanheiro** destaca-se por ser a primeira fábrica mecânica a instalar-se em Guimarães (1885) e porque dispõe de um amplo e rico arquivo, permitindo uma leitura abrangente da vida da fábrica, mas também da cidade. Através dos registos desta fábrica foi possível determinar, com alguma precisão, a data de chegada dos teares mecânicos, a sua proveniência (Manchester) e o contexto em que tal adaptação tecnológica sucedeu (um operário foi enviado de Guimarães a Inglaterra para se inteirar dos novos mecanismos e aprender a operar com aquele equipamento).

É sensivelmente o mesmo conjunto de razões que explica a escolha da **Fábrica do Moinho do Buraco** (fundada em 1890 por Francisco Inácio da Cunha Guimarães). Também surge no século XIX, tem origem numa oficina de tecelagem, mas rapidamente evoluiu para uma unidade fabril de produção mecanizada em série (o parque de máquinas é instalado em 1896).<sup>43</sup>

Graças ao acervo documental (preservado pelos descendentes do fundador e pela Muralha – Associação de Guimarães para a Defesa do Património), que também contempla uma coleção de fotografia, ficamos a conhecer o ritmo de expansão de uma fábrica de tecelagem e a idiosincrasia característica dos pioneiros da indústria têxtil na região. Um dos aspetos mais relevantes associada à história da Fábrica do Moinho do Buraco é, precisamente, o espírito empreendedor e a resiliência evidenciada por Francisco Inácio, um autodidata, um colecionador de livros técnicos, um curioso incansável e um visionário que contribuiu para disseminar o espírito lançado em 1884.

Finalmente, a **Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães**, também designada por **Fábrica de Campelos**. Constituída em 1890 como sociedade anónima com capital social de 350:000\$000 reis, iniciou a laboração em 1893, já com um parque mecânico completo, instalado de raiz e fruto de um investimento incomparavelmente superior àquele que tinha sido feito pelas outras duas fábricas. Neste caso não podemos falar de adaptação tecnológica, mas investimento em tecnologia que foi exclusivamente sustentado por capitais próprios.

<sup>42</sup> Este tema é aprofundado por NOGUEIRA, P. R. et al. (2017). Guimarães, cidade industrial? Entre a memória e o esquecimento. Em: II Congresso Internacional - As Cidades na História, painel "Cidade Industrial". Guimarães, 18-20 de outubro de 2017, Câmara Municipal de Guimarães.

<sup>43</sup> CORDEIRO, J. M. Lopes; TEIXEIRA, Mariana J. (2017). "FICG, Francisco Inácio da Cunha Guimarães (1864-1947): Um pioneiro da indústria têxtil na Bacia do Ave". Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão /Museu da Indústria Têxtil.

Estamos, assim, perante três fábricas que compõem o esteio primordial do novo paradigma industrial que tanto se ambicionava para Guimarães. Vamos encontrá-las no centro da conversão económica e social que se operou neste território até 1900. Todas elas contribuíram para fomentar o espírito competitivo em torno dos avanços tecnológicos do setor têxtil e, em certa medida, fomentar uma *corrida aos teares mecânicos*, do tipo Jacquard, assim como às máquinas a vapor e, mais tarde, ao equipamento elétrico.

Será, aliás, o novo setor da eletricidade a desenvolver-se mais nas primeiras duas décadas do século XX e, tal como sucedera com a mecanização, terá nas três fábricas referidas um importante núcleo dinamizador da construção de mini-hídricas e centrais hidroelétricas para abastecimento próprio e exploração da rede de eletricidade. A eletricidade tornar-se-á no segundo grande negócio dos industriais têxteis instalados em Guimarães próximo dos rios Ave, Selho e Vizela.

Apresentando diferentes modelos de exploração, instalação e adaptação tecnológica, as três fábricas partilharam entre si fornecedores estrangeiros de equipamento mecânico e elétrico - exemplo das firmas John Hetherington & Sons Ltd, Hahlo Co., John Sumner & Co, Siemens & Schukerwerke, J.M. Voith, A.E.G., entre outros -, alguns fornecedores nacionais de fio - como a Fábrica de Fiação do Bugio (Fafe) -, de ferro e carvão, assim como clientes de referência no Porto, em Lisboa e no Brasil. Também estabeleceram negócios entre si, embora pontualmente porque a competição sobressaía e era feroz.

A existência de arquivos preservados contribui, por um lado, para o estudo aprofundado da realidade industrial numa fase tão crítica para a definição de Guimarães como território económico, e, por outro lado, para a materialização da memória e a preservação do património industrial local. Realça, ainda, a importância do acervo das fábricas mais antigas pois permite compreender o fenómeno industrial em diferentes perspetivas, incluindo a interação com a ciência e a tecnologia. Também acrescenta valor e riqueza ao já rico património histórico da cidade e contribui para combater a obliteração e a anonimização que tendencialmente se verifica em matéria de história e arqueologia industrial (por um lado, dignificando as pessoas envolvidas, por outro lado, concedendo-lhes a dignidade de um lugar na história da cidade).

Faculta o conhecimento sobre a fase pioneira de interação da indústria com a ciência e a tecnologia, permite datar e relacionar fases de adaptação tecnológica e adoção de novas fontes de energia, fatores importantes para a compreensão da interdependência entre a economia, a investigação científica e o desenvolvimento de tecnologia, e o peso que tal relação representa para o país.

Neste quadro entende-se que a história tem valor acrescentado e é diferenciadora de um setor de atividade que deve muita da sua resiliência e liderança à experiência acumulada ao longo dos anos.

A exposição de alguns dos documentos associados às três fábricas contribui, ainda, para uma reflexão crítica sobre a necessidade de valorização destes arquivos através da sua preservação, estudo e divulgação pública, assumindo-se como um desafio de sensibilização a todos aqueles que, detendo património industrial, se sintam motivados a preservá-lo.



Fachada principal e entrada da Fábrica do Castanheiro (1885-2013).

Fotografia: Paula R. Nogueira, 2019.

### **António da Costa Guimarães & Filhos – a Fábrica do Castanheiro<sup>44</sup>**

Remonta a 1844 o documento que atesta os primeiros anos de atividade de António da Costa Guimarães (1832 – 1892), o fundador da Fábrica do Castanheiro. O *Livro Razão* integra um vasto acervo documental, único e em excecional estado de conservação, do fundo histórico da Fábrica do Castanheiro, entregue pela família Costa Guimarães ao Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

\*\*\*

António da Costa Guimarães era muito jovem quando deixou a sua terra natal, a freguesia de Travassós, em Fafe, para se instalar em Guimarães. **Fundou** a *Casa Comercial António da Costa Guimarães* e em 1854 estabeleceu-se como industrial.

Dedicou-se aos tecidos em linho, produzidos em teares manuais que instalou em casa de tecelões e tecedeiras. Era o próprio que preparava as teias, supervisionava a produção, reparava os teares e recolhia o tecido produzido.

Foi dos primeiros industriais de Guimarães a integrar as comitivas portuguesas às exposições universais e mundiais, destacando-se a *Grande Exposição dos Trabalhos da Indústria de Todas as Nações* (Londres 1851), as exposições de Viena (1873), Filadélfia (1876) e Paris (1878, 1889 e 1900), onde foi **distinguido** e **premiado**.

**Conhecedor** atento da tecnologia do seu tempo, encomendou, em 1882, os primeiros teares mecânicos a fabricantes ingleses. Apoiou a sua estratégia de expansão em Manoel Pereira Bastos (1859-1936), um talentoso e inteligente operário oriundo de Cabeceiras de Basto, que enviou para **Manchester**, em 1883, com a missão de estudar **mecânica têxtil** e visitar fábricas no coração da **Revolução Industrial**.

Manoel regressou a Guimarães na primavera de 1884, trazendo consigo os **primeiros teares mecânicos**. A sua chegada coincidiu com a abertura da Exposição Industrial de Guimarães. Sozinho, montou os teares numa oficina de António da Costa Guimarães e preparou uma **demonstração** à qual assistiu Gustavo Adolfo Gonçalves de Sousa (1818-1899), diretor do Instituto Industrial do Porto, que visitou a exposição de Guimarães a pedido do rei D. Luis I e algumas fábricas por insistência da organização.

Naquele dia os teares não funcionaram plenamente, mas António da Costa Guimarães conseguiu um lugar na **história**, tornando-se no primeiro industrial a introduzir a **mecanização** nas fábricas de tecidos de Guimarães. A Fábrica do Castanheiro iniciou a laboração em 1885 nas suas instalações de Urgezes.

Até 1900 o **crescimento** da fábrica baseou-se na mecanização. Aos 196 teares mecânicos juntaram-se 10 contínuos com 4000 fusos. Seguiu-se a **eletrificação** (1913), com a instalação de uma central elétrica. O tempo de estabilização e constrangimento decorrente das duas guerras mundiais durou até 1950 altura em que se operou uma profunda transformação e aposta na especialização.

\*\*\*

Em 2013, e após **127 anos de atividade contínua**, a Fábrica do Castanheiro cessou a sua laboração em resultado de uma insolvência, pondo fim a 169 anos de história da casa fundadora.

<sup>44</sup> NOGUEIRA, Paula R. (2017). "Fábrica do Castanheiro: o motor da cidade industrial". Estudos sobre o fundo histórico da firma António Costa Guimarães, Filho & C.ª (1844-1926). *Boletim de Trabalhos Históricos*. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta. pp.10-57.



António da Costa Guimarães (1832-1892). Retrato a óleo. C.P.J.P.C.C.R.F.

**António da Costa Guimarães (1832-1892), fundador da Fábrica do Castanheiro<sup>45</sup>**

Nascido em 1832 na freguesia de Travassós, no concelho de Fafe, António da Costa Guimarães começou como aprendiz no comércio de linhos, instalando-se como comerciante de tecidos em 1854. Aos 30 anos já dispunha de uma rede de teares manuais de dimensão industrial e tornou-se num dos mais influentes negociantes de Guimarães. Foi vereador e dirigente associativo.

Participou nas exposições internacionais e os seus produtos foram premiados pela alta qualidade. Sensível à inovação tecnológica, e ao contrário dos seus pares, não contratou mestres estrangeiros para administrarem a sua Fábrica, antes investiu na formação de um empregado da sua máxima confiança, que enviou para Manchester para aprender mecânica têxtil e acompanhar a instalação da primeira linha de teares mecânicos de tipo Jacquard. Do casamento com Maria Josefa da Silva Mattos nasceram os filhos Anna Emilia da Costa, Maria d'Oliveira Costa, Amelia da Conceição Costa, Maria Margarida Costa, José Miguel da Costa Guimarães, Simão da Costa Guimarães, Álvaro da Costa Guimarães e Francisco d'Assis Costa Guimarães.

Em 1859, aos 27 anos, foi chamado à direção da Assembleia Vimaranesa, então presidida pelo Visconde de Pindella. O nome de António da Costa Guimarães consta ainda da relação dos instituidores da Associação de Socorros Mútuos Artística Vimaranesa (1866) tinha 34 anos, e figura como secretário efetivo do Conselho Fiscal da direção de 1890 do Banco de Guimarães (58 anos).

Entre 1878 e 1880 António da Costa Guimarães foi indicado para as listas à Câmara Municipal. O industrial irá acompanhar o presidente António Coelho da Mota Prego (advogado e proprietário) integrando o executivo municipal entre 1878 e 1880.

Afastou-se da política para se dedicar apenas à fábrica. O próximo membro da família a integrar as listas do município seria o filho mais velho, José Miguel, afeto ao Partido Regenerador, que acompanhará o Conde de Margaride como vereador substituto nos anos de 1888 e 1889. Sucedem-se novos mandatos em 1893 e 1894/1898, como vereador, sob presidência de António Coelho da Mota Prego. Esta proximidade aos centros de decisão política terá, certamente, reforçado a notoriedade social e posicionado a família no seio da mais insigne elite vimaranense.

António da Costa Guimarães faleceu aos 60 anos, em Guimarães, no dia 5 de novembro de 1892, na sequência de uma doença cardíaca.

---

<sup>45</sup> Idem, pp.37-38.



Aspetto exterior da Fábrica do Moinho do Buraco [18../19..]. C.P.M.T.M.

**Francisco Inácio da Cunha Guimarães & Filhos - a Fábrica do Moinho do Buraco<sup>46</sup>**

Em 1897 Francisco Inácio herdou de seu pai, João Inácio da Cunha Guimarães, a Fábrica do Moinho do Buraco. Especializada em tecidos de linho, algodão, riscados, toalhas e colchas, a fábrica estava equipada com teares mecânicos e manuais, impondo-se, rapidamente, como uma das principais da região. A mecanização da tecelagem, assim como a instalação de uma máquina a vapor, foram determinantes para o sucesso alcançado.

\*

A localização da Fábrica junto ao rio Selho favoreceu a exploração da energia hidroelétrica, um investimento que Francisco Inácio implementou em 1904 com a colocação da primeira turbina e gerador. Sucedeu-se um período de expansão tecnológica com instalação de novas máquinas e criação da secção de fiação, inaugurada em 1908. A construção da central hidroelétrica em 1913, contemplando o alargamento do canal do rio, comporta e uma segunda turbina, conduziu a aumentos significativos de produção.

O fornecimento de maquinaria e suporte técnico foi assegurado pelos ingleses - Charles Halo & Sons, Machine Makers & Exporters, de Bradford e Wall & Co., John M. Sumner & C.<sup>a</sup>, de Manchester -, pelos alemães da Siemens-Schuckertwerke, e por técnicos suíços que trabalhavam em itinerância pelas fábricas da região.

Com nova designação, a Fábrica a Vapor de Tecidos de Linhos e Algodões de Francisco Inácio da Cunha Guimarães manteve a regularidade do investimento em tecnologia, aumento da potência energética e crescimento na produção. Este registo, associado a uma resiliência característica permitiu atravessar o período da I Grande Guerra e a crise económica portuguesa com algum desafogo.

Conquistada a reputação, notoriedade e sucesso de vendas, a Fábrica do Moinho do Buraco prosperou no mercado interno, junto das melhores casas de Lisboa, Porto, Coimbra. Francisco Inácio esteve, também, no centro de uma nova vaga de desenvolvimento industrial verificado na década de 1920. A participação da Fábrica na Exposição Industrial e Agrícola de Guimarães 1923, onde recebeu um diploma de 1.<sup>a</sup> classe, coroou o seu trabalho.

\*

Em 1990 a Fábrica do Moinho do Buraco cessou laboração por motivo de insolvência.

---

<sup>46</sup> CORDEIRO, J. M. Lopes; TEIXEIRA, Mariana J. (2017). "FIGG, Francisco Inácio da Cunha Guimarães (1864-1947): Um pioneiro da indústria têxtil na Bacia do Ave". Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão /Museu da Indústria Têxtil.



Francisco Inácio da Cunha Guimarães (1864-1947). C.P.L.T.M.

**Francisco Inácio da Cunha Guimarães, (1864-1947), fundador da Fábrica do Moinho do Buraco<sup>47</sup>**

Francisco Inácio da Cunha Guimarães nasceu no dia 1 de abril de 1864 na freguesia de Selho São Jorge, Guimarães. Filho de um fabricante de tecidos, João Inácio (1833-1915), e de uma tecedeira, Maria Rosa de Abreu (1837-?), tinha o destino traçado pelas teias da vida. O avô paterno também fabricava tecidos.

Um ano após seu pai João instalar a Fábrica do Moinho do Buraco num terreno na margem direita do rio Selho, Francisco casou-se com Emília Rosa (1871-1939). No final do ano foi pai pela primeira vez. Já tinha quatro filhos quando herdou a fábrica e iniciou a sua aventura industrial.

Francisco Inácio encontrou na tecnologia daquele tempo a inspiração necessária para desenvolver o seu negócio. A paixão pela mecânica e pela eletricidade, fenómenos que estudou como autodidata – a sua coleção de livros técnicos e de gestão é demonstrativa de como procurou manter-se atualizado –, concederam-lhe uma visão diferente daquela que outros industriais, mais limitados em capital, mas também em conhecimento técnico, teriam.

Em 1900 foi indicado, por Francisco Jácome, para sócio da Sociedade Martins Sarmiento, associando-se ao projeto de criação do museu industrial em Guimarães, ideia lançada em 1884 após a Exposição Industrial e que ninguém conseguiu concretizar até hoje.

Empenhou-se, também, na defesa da construção de uma linha férrea entre Guimarães e Braga e aquando da visita do Ministro das Obras Públicas, Comércio e Indústria justificou, em nome dos industriais locais, como essa ligação seria importante para o transporte de matérias primas e produtos.

Aderiu ao Partido Regenerador Liberal e tornou-se próximo de João Franco. Esteve no olho do furacão das revoltas laborais e das greves que assolaram toda a região do Ave na fase que antecedeu a instauração da República.

Prosseguiu com os seus investimentos em tecnologia, ampliou a fábrica e resistiu aos abalos provocados pelas duas guerras mundiais que afetaram gravemente a economia nacional. Inaugurou um bairro operário e uma escola, criou infraestruturas de apoio e até uma mercearia, para utilização dos operários.

Em 1930 recebeu a insígnia de Comendador da Ordem de Mérito Agrícola e Industrial, na classe de Mérito Industrial, conferida pelo então Presidente da República, Óscar Carmona.

Faleceu no dia 1 de fevereiro de 1947, na sua residência, no Moinho do Buraco, junto à fábrica que ajudou a criar.

**A Companhia de Fiação e Tecidos Guimarães: a *Fábrica de Campelos***

A Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães foi constituída por escritura pública celebrada no dia 7 de maio de 1890. Entrou em atividade no dia 1 de junho do mesmo ano, sob orientação dos seus primeiros diretores, o Visconde de Sendelo, Domingos Martins Fernandes e Pedro Pereira da Silva Guimarães.

Os fundadores compraram cerca de **140 mil metros quadrados de terrenos** na margem esquerda do rio Ave, assim como todas as rodas e moinhos ali existentes. Com o capital inicial (trezentos e cinquenta contos de reis) construíram o **edifício fabril** que ocupava 19 mil metros quadrados.

Os estudos, plantas, obra hidráulica exterior e **montagem técnica** foram realizados por Alexandre Rea, engenheiro da companhia **John Hetherington & Sons, de Manchester**. A obra, de grande dimensão e complexidade,

---

<sup>47</sup> Idem, pp. 117-167.

foi dirigida pelo **engenheiro James Lickfold**, outro inglês bem recomendado pelo trabalho realizado com a montagem e gestão da Fábrica do Bugio (Fafe).

Durante **três anos** o movimento de terras, máquinas e operários, assim como todos os progressos da obra, foram relatados pela imprensa local e acompanhados por autênticas **romarias de curiosos** oriundos de todos os concelhos vizinhos.

Em **fevereiro de 1893** a gigantesca fábrica foi **inaugurada**. O equipamento inglês *do mais moderno e mais aperfeiçoado systema* incluía **quatro turbinas** de 300 cavalos força, **duas máquinas a vapor** de 700 cavalos força cada e um vasto parque de máquinas de fiar com **milhares de fusos e teares mecânicos**.

Em 2 de junho de 1897, James Lickfold fundou a Fábrica a Vapor de Tecidos de Linho de Guimarães (Fábrica da Avenida), que poucos anos mais tarde seria incorporada na Companhia, resultando na maior unidade industrial de Guimarães. As duas fábricas apoiavam-se nas duas **mini-hídricas** construídas no rio Ave: uma em **Campelos**, junto à *fábrica-mãe*, a outra em **Ronfe**, onde ainda hoje funciona uma estação para produção de energia elétrica.

Em 1903 a direção da Companhia confiou a James Lickfold a elaboração de um projeto para construção de uma cozinha económica e uma cooperativa para homens e mulheres. Nas décadas seguintes seriam construídos uma capela, uma escola, um bairro social, constituída uma companhia de bombeiros e um clube de futebol (1958, *Clube Operário de Campelos*), este por iniciativa dos trabalhadores.

A Companhia extinguiu-se em 1977.

*“Senhores accionistas,*

*A situação geral das industrias do paiz, nos primeiros mezes do anno findo, foi a mesma, senão peór, que a indicada em nosso ultimo relatório sobre 1908. Pouco e pouco, porem, os negócios foram tomando uma feição mais animadora tanto no continente como nas colonias, e devido principalmente ao desenvolvimento rápido e progressivo que se manifestou no commercio africano, a industria algodoeira refez-se, entrando o seu movimento fabril na normalidade. (...)*

*Assim nós fomos também attingidos, embora um pouco tardiamente, por essa melhoria de situação; mas já precedentemente, preocupados com a difficil posição da industria fiandeira, havíamos tomado resoluções que em parte nos deveriam pôr a coberto d'estas alternativas do mercado. (...)*

*O desenvolvimento da tecelagem era a solução de há muito prevista do problema. Como porem para a levar a effeito se tornava mister immobilisar novos capitães, adoptadmos o expediente de nos socorrermos da tecelagem manual, que nesta região abunda e hoje se tornava fácil abordar em razão da crise que de há anos a vem esfacelando.*

*O nosso empreendimento já nos foi satisfatoriamente compensado pela forma extremamente animadora como os nossos productos manuaes teem sido apreciados no Mercado, (...) com vantagem para nós e proveito para centenaes de famílias, que viviam na miseria e cuja competência no mister de tecelagem manual é, pode dizer-se, hereditaria n'esta região. (...)*

Guimarães, 20 de Fevereiro de 1910

Os Directores,

Eduardo M. d'Almeida

Manoel Martins Barbosa d'Oliveira

Augusto José Domingues d'Araújo

In Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, Relatório da Direcção, Balanço e Parecer do Conselho Fiscal. Gerência do Anno de 1909. Sociedade Martins Sarmiento.



Conde de Margaride (1836-1919). Fotografia: Vidal & Fonseca, Lisboa [s/d]. C.P.L.M.

### **Fundadores da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, Fábrica de Campelos**

A sociedade anónima, começou por envolver perto de 167 acionistas e em 1909 já eram mais de 400, maioritariamente de Guimarães, mas oriundos de várias localidades como Porto, Lisboa, Vila Nova de Gaia, Fafe, Celorico de Basto, Torres Vedras, Vila do Conde, Marco de Canaveses, Felgueiras, entre outras.

O grupo fundador era constituído pelos homens poderosos de Guimarães e de Fafe, alguns com riqueza feita no Brasil, muitos já investidores experimentados nas indústrias.

Conde de Margaride  
Visconde de Alvellos  
Visconde de Sendello  
José Alves d'Oliveira Bastos  
Francisco Ribeiro Martins da Costa  
João Ribeiro Martins da Costa  
Avelino da Silva Guimarães  
António Coelho da Motta Prego  
Joaquim José de Meira  
António José Ferreira Caldas  
António Maria Duarte Ribeiro de Carvalho  
António Augusto da Silva Caldas  
Domingos Leite de Castro  
Domingos José de Souza Júnior  
Domingos Martins Fernandes  
Manoel de Castro Sampaio  
Pedro Ferreira da Silva Guimarães

In O Comércio de Guimarães, 26 de maio de 1890, VII Ano, N.º 560.

## Considerações finais

Reconhecer a Guimarães o seu perfil de cidade industrial implica conhecer uma parte menos valorizada, mas nem por isso menos relevante, da sua história. O capital histórico-industrial é um elemento diferenciador que aporta distinção, prestígio, relevância e notoriedade, assentes numa riqueza que poucos territórios podem orgulhar-se de deter.

Esse passado, e essa história, que aqui se descreveram acompanhando o alinhamento da exposição temática *Indústria Têxtil de Guimarães: do sistema antigo ao advento das máquinas*, dizem muito da importância dos arquivos empresariais, da necessidade de preservação da arquitetura industrial dos séculos XIX e XX, da preservação das máquinas, laboratórios, instrumentos e objetos, pois deles deriva o fio condutor que relaciona o passado com o futuro.

A preparação de uma exposição, sustentada com investigação, robustece a historiografia industrial, permite destacar o património industrial e afirma a memória das indústrias num território cuja identidade tem nas (suas) fábricas uma raiz profunda. Possui, por isso, função cultural. Se associada a dinâmicas de comunicação e divulgação da ciência e da tecnologia, compreende uma função pedagógica possível de traduzir para diferentes públicos e orientar para diferentes objetivos.

A função social cruza-se nas naturais implicações que a indústria tem na vida da população, e no testemunho que se replica como herança familiar, atravessando gerações, convertendo-se numa espécie de impressão digital-cultural inegável.

Reconciliar Guimarães com a sua memória histórica industrial é, também, um exercício de recomposição da memória individual daqueles que corporizaram essa história ao longo de décadas, atribuindo-lhe vida e dignidade à memória.

Uma nota final para destacar o exemplo de três (entre milhares) de fábricas têxteis de Guimarães, para que possam sentir-se inspirados pela importância da preservação todos os empresários e industriais, as associações, os agentes culturais, os poderes públicos, os investigadores e os colecionadores. Que todos possam entender o valor do gesto protetor estendendo-o à cidade, que é Património Cultural da Humanidade e à seiva de Guimarães: o mundo do trabalho, esse motor em funcionamento permanente.

## Referências

- BARTHES, Roland. (2003). A Câmara Clara. Lisboa: Edições 70.
- CORDEIRO, José M. Lopes (1992). Património Industrial do Vale do Ave. 1.<sup>a</sup> Edição. Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal, Museu da Indústria Têxtil.
- CORDEIRO, José M.L. (2002). Uma economia dual: a modernização no setor têxtil da Bacia do Ave, in Pinheiro, Elisa, C. (coord.). Atas das III Jornadas de Arqueologia Industrial (12 a 14 de novembro de 1998). A indústria têxtil europeia - Os fios do passado a tecer o futuro - uma abordagem pluridisciplinar. Covilhã: Universidade da Beira Interior, p.313-322.
- CORDEIRO, José M. Lopes (coord.). (2017). FICC, Francisco Inácio da Cunha Guimarães (1864-1947): Um pioneiro da Indústria Têxtil na Bacia do Ave. Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão/Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave.
- CRAVEIRO, José, 1984, Centenário da Escola Secundária Francisco de Holanda, p.16-17.
- GERALDES, Manuel de Melo Nunes. (1913). Monografia sobre a indústria do linho no distrito de Braga. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- LAMEIRAS, Alberto (2010). A Escola Francisco de Holanda e o sistema de ensino. In Neves, António A. das, Lameiras, Alberto (orgs.) - 1884 – O ano que mudou Guimarães. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- MARTINHO, António (1997). Professores estrangeiros ao serviço da Escola Industrial Francisco de Holanda (1889-1894). *Revista Educação e Tecnologia*, Vol. XIX, n. 11, p.175-200.
- MARTINHO, António M. Professores estrangeiros ao serviço da Escola Industrial Francisco de Holanda 1889/1894. In Atas do II Congresso Histórico de Guimarães. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães. p.211-221.
- MARTINHO, António M. Professores estrangeiros ao serviço da Escola Industrial Francisco de Holanda 1889-1894. In *Educação e Tecnologia*. Guarda: Instituto Politécnico da Guarda. Volume XIX (1997), p. 175-200.
- MARTINHO, António - Professores estrangeiros ao serviço da Escola Industrial Francisco de Holanda (1889-1894). *Revista Educação e Tecnologia*, Vol. XIX, n. 11, (1997), p.175-200. [Acedido a 26 nov.2015]. Disponível na internet: <http://biblioteca.versila.com/12869697>.
- MARTINHO, António Manuel Matoso - A criação do ensino industrial em Portugal. Máthesis. Viseu. ISSN 0872-0215. Nº 15 (2006), p. 53-81. [Acedido a 25 de nov.2015]. Disponível na internet: <http://hdl.handle.net/10316.2/23570>
- MEIRA, Joaquim José de. Higiene local. *Revista de Guimarães*, 1 (3) Jul.- Set. 1884, p. 130-135.
- NEVES, António A. das, LAMEIRAS, Alberto (orgs.), (2010). 1884 - O ano que mudou Guimarães. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- NOGUEIRA, Paula R. (2015). Aprender com o passado: património científico das escolas centenárias de Guimarães. Seminário doutoral. Doutoramento em História das Ciências e Educação Científica, Universidade de Coimbra/Universidade de Aveiro.
- NOGUEIRA, Paula R. (2017). Fábrica do Castanheiro: o motor da cidade industrial - Estudos sobre o fundo histórico da firma António Costa Guimarães, Filho & C.<sup>a</sup> (1844-1926). *Boletim Trabalhos Históricos*, Série III, Vol.VI, p.10-57
- NOGUEIRA, Paula R. et al. (2017). Indústria têxtil: expor Guimarães ao mundo desde o século XI. Em: II Congresso Internacional - As Cidades na História, painel "Cidade Industrial". Guimarães, 18-20 de outubro de 2017, Câmara Municipal de Guimarães.

NOGUEIRA, P. R. et al. (2017). Consequências da Revolução Industrial na cidade de Guimarães”. Em: II Congresso Internacional - As Cidades na História, painel “Cidade Industrial”. Guimarães, 18-20 de outubro de 2017, Câmara Municipal de Guimarães.

NOGUEIRA, P. R. et al. (2017). Guimarães, cidade industrial? Entre a memória e o esquecimento. Em: II Congresso Internacional - As Cidades na História, painel “Cidade Industrial”. Guimarães, 18-20 de outubro de 2017, Câmara Municipal de Guimarães

SAMPAIO, Alberto - Resposta a uma pergunta. Convirá promover uma exposição industrial em Guimarães? *Revista de Guimarães*. 1 (1) Jan.-Mar. 1884, p. 25-34.

SAMPAIO, Alberto, MEIRA, José Joaquim de. (1991). Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884, fac-simile. Guimarães: Muralha - Associação de Guimarães para a Defesa do Património.

### Outros documentos

“A Industria Vimaranesense”, Folha Única - Publicação da Imprensa Vimaranesense. (1884). Edição Fac-simile, n.º242. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.

Diário do Governo, n.º243, de 24 de outubro de 1884, p. 2715.

Estatística de Portugal – População no 1.º de Janeiro de 1878. Lisboa: Lisboa Imprensa Nacional (1881).

Estatutos da Sociedade Martins Sarmento, 1881, disponível em linha: [http://www.csarmento.uminho.pt/sms\\_1.asp](http://www.csarmento.uminho.pt/sms_1.asp)

Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria (1881). Inquérito Industrial de 1881. Inquérito Directo. Segunda Parte. Visitas às Fábricas. Livro Terceiro. Lisboa: Imprensa Nacional, p.264.

Relatório sobre o Censo da População (1890). Ministério das Obras Públicas, Commercio e Industria. Repartição de Estatística Geral. Volume I. Lisboa:Imprensa Nacional (1896).

VV.AA (1984), *Centenário da Escola Secundária Francisco Holanda – Guimarães 1884/1885-1984/1985*. Guimarães: Escola Secundária Francisco de Holanda

### Arquivos e coleções

Arquivo da Biblioteca Municipal Pública do Porto

Arquivo do Museu da Indústria Têxtil do Vale do Ave

Arquivo Municipal Alfredo Pimenta

Historical and Industrial Archives, Museum of Science and Industry, Manchester

Muralha – Associação de Guimarães para a Defesa do Património

Sociedade Martins Sarmento (Hemeroteca e biblioteca)

### Abreviaturas

A.M.A.P. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta

C.P.J.P.C.C.R.F. Coleção Particular João Paulo Costa Cerquinho Ribeiro da Fonseca

C.P.L.M. Coleção Particular Luis Menezes

C.P.L.T.M. Coleção Particular Luís Teixeira e Melo

C.P.M.T.M. Coleção Particular Manuel Teixeira e Melo

M.-A.G.D.P. Muralha - Associação de Guimarães para a Defesa do Património  
S.M.S. Sociedade Martins Sarmento

### **Agradecimentos**

Ao meu orientador, Décio Martins, Centro de Física da Universidade de Coimbra.

\*

Arquivo Municipal Alfredo Pimenta  
Câmara Municipal de Guimarães  
Casa da Memória de Guimarães  
Casa de Sarmento  
Muralha – Associação de Guimarães para a Defesa do Património  
Museu da Agricultura de Fermentões  
Museu da Indústria Têxtil do Vale do Ave, Vila Nova de Famalicão  
Sociedade Martins Sarmento  
Universidade de Coimbra  
Universidade do Minho  
Adelina Pinto  
Alexandra Marques  
Antero Ferreira  
António Cardoso da Silva  
Catarina Pereira  
Clotilde Marques da Silva  
Francisco Brito  
João Paulo Costa Cerquinho Ribeiro da Fonseca  
José Lopes Cordeiro  
Luís Esquível  
Luís Menezes  
Luís Teixeira e Melo  
Mariana J. Teixeira  
Raimundo Fernandes  
Rui Vítor Costa